VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU



Leão XIV no

Peru

Todos os discursos, homilias
e palavras do Santo Padre

agostinianoscomopapa.com

EDIÇÃO DIGITAL · PORTUGUÊS
11–16 NOV 2026

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

Leão XIV no Peru

Todos os discursos, homilias e palavras do Santo Padre

11–16 NOV 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Os textos de Leão XIV reproduzem a versão oficial em português publicada pela Santa Sé em vatican.va.

A introdução, os títulos dos capítulos e as chaves agostinianas são da autoria da Redação de AgustinosConElPapa.com.

As palavras improvisadas da varanda da Nunciatura (capítulos 5 e 6) e a saudação em Santa Cruz de Succhabamba (capítulo 12) são uma tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com.

Copyright © Dicastério para a Comunicação

vatican.va · agustinosconelpapa.com/pt

Índice

Introdução — 5
Voltar a casa

A viagem num relance — 7
11–16 nov 2026

01 Amar um povo — 9
Qua 11 · Discurso

02 Abrir o coração ao Peru de hoje — 21
Qui 12 · Discurso

03 Uma sinfonia de comunhão — 29
Qui 12 · Homilia

04 A pessoa no centro — 34
Qui 12 · Discurso

05 Vinde e vede — 43
Qui 12 · Discurso

06 Com o mesmo espírito de alegria — 52
Sex 13 · Saudação

07 A missão não se improvisa — 54
Sex 13 · Homilia

08 Jesus caminha sempre connosco — 59
Sex 13 · Saudação

09 Não há missão sem comunhão — 62
Sex 13 · Discurso

10 O limite, condição de grandeza — 67
Sex 13 · Discurso

11 Luz para um mundo nas trevas — 76
Sáb 14 · Homilia

12 **Através da cruz vê-se o céu** 80
Sáb 14 · Homilia

13 **Aprender a ser pastor** 88
Sáb 14 · Discurso

14 **Capital da amizade** 94
Dom 15 · Saudação

15 **Uma herança viva e renovada** 96
Dom 15 · Homilia

16 **Uma âncora nos tremores** 102
Dom 15 · Ângelus

17 **Uma Igreja de rosto amazónico** 106
Dom 15 · Discurso

18 **Do medo à confiança** 112
Dom 15 · Homilia

19 **Acreditai no Peru!** 118
Dom 15 · Saudação

20 **Mais oásis e menos desertos** 120
Seg 16 · Saudação

21 **O tempo da missão continua** 127
Seg 16 · Homilia

INTRODUÇÃO

Voltar a casa

Chegou a Lima na quarta-feira, 11 de novembro, terceira e última etapa da sua viagem apostólica, e logo ao chegar disse, com simplicidade, que se sentia em casa. Foram seis dias entre Lima, Chiclayo, Cusco e Pucallpa — da costa aos Andes e à Amazónia — numa terra que Leão XIV sente profundamente sua.

Este livro reúne tudo o que o Santo Padre disse no Peru: vinte e um textos, desde o discurso às autoridades no Gran Teatro Nacional até à homilia da missa final em Lima. Estão aqui os discursos e as homilias, o Ângelus de Cusco e também as palavras improvisadas, das varandas da Nunciatura e em tantos encontros: as que não estavam no papel.

Para a Família Agostiniana, o Peru é muito mais do que um destino: é a terra onde o padre Roberto — como lhe chamavam os seus irmãos até há apenas um par de anos — dedicou tantos anos da sua vida ao serviço pastoral e missionário.

Na Nunciatura Apostólica de Lima, os Agostinianos, os Agostinianos Recoletos e as Agostinianas reuniram-se com ele em privado. Entre cantos, abraços e pequenos presentes, frei Álvaro Matías, OSA, recorda o momento em que começaram a cantar «Vivamos sempre em unidade»:

> **«Quando começámos a cantar "Vivamos sempre em unidade", o meu coração acelerou.»**
>
> FREI ÁLVARO MATÍAS, OSA

Entre os presentes esteve uma imagem de São Ezequiel Moreno, entregue como expressão da oração de toda a família agostiniana pelo Santo Padre.

Aos bispos do Peru falou do Grande Caminho do Inca: a Igreja, disse-lhes, está chamada a ser também um caminho de comunhão e esperança. É o caminho que percorreu São Toríbio de Mogrovejo, cuja canonização completa trezentos anos em 2026 e cujo Ano Jubilar foi encerrado em Zaña. E aos jovens disse:

> **“Não vos conformeis em viver seguindo o que os outros esperam de vós. Deus criou-vos capazes de realizar um bem que mais ninguém poderá fazer exatamente da mesma forma.**

Que estas páginas o acompanhem a qualquer hora e em qualquer lugar, e nos ajudem a caminhar juntos, unidos num só coração e numa só alma, voltados para Deus.

A REDAÇÃO DE AGUSTINOSCONELPAPA.COM

VIAGEM APOSTÓLICA AO URUGUAI, ARGENTINA E PERU

A viagem num relance

QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO

01 **Amar um povo**
Gran Teatro Nacional · Lima

QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

02 **Abrir o coração ao Peru de hoje**
Capela do Palácio Arquiepiscopal · Lima

03 **Uma sinfonia de comunhão**
Basílica Catedral de São João Apóstolo e Evangelista · Lima

04 **A pessoa no centro**
Praça em frente à Catedral · Lima

05 **Vinde e vede**
Estádio Nacional do Peru · Lima

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

06 **Com o mesmo espírito de alegria**
Nunciatura Apostólica · Lima

07 **A missão não se improvisa**
Pampas de Pimentel · Chiclayo

08 **Jesus caminha sempre connosco**
Capela São Óscar A. Romero · Chiclayo

09 **Não há missão sem comunhão**
Santuário de Nossa Senhora da Paz · Chiclayo

10 **O limite, condição de grandeza**
Universidade Católica Santo Toribio de Mogrovejo · Chiclayo

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO

11 **Luz para um mundo nas trevas**
Catedral de Santa Maria · Chiclayo

12 **Através da cruz vê-se o céu**
Santa Cruz de Succhabamba

13 **Aprender a ser pastor**
Santuário de São Toríbio de Mogrovejo · Zaña

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

14 **Capital da amizade**
Residência episcopal · Chiclayo

15 **Uma herança viva e renovada**
Parque Arqueológico Nacional de Saqsaywaman · Cusco

16 **Uma âncora nos tremores**
Praça em frente à Catedral · Cusco

17 **Uma Igreja de rosto amazónico**
Malecón Puerto Callao · Pucallpa

18 **Do medo à confiança**
Villa Deportiva Regional Ucayali · Pucallpa

19 **Acreditai no Peru!**
Nunciatura Apostólica · Lima

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

20 **Mais oásis e menos desertos**
Hermanitas de los Ancianos Desamparados · Callao

21 **O tempo da missão continua**
Base Aérea Las Palmas · Lima

01

GRAN TEATRO NACIONAL · LIMA

DISCURSO

Amar um povo

Encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático

QUARTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO

> **Amar um povo é desejar que todos, no seu seio, possam viver com dignidade, interessar-se por este e estar disposto a dar algo de si mesmo para o seu bem.**

DISCURSO DO SANTO PADRE AOS FUNCIONÁRIOS DO PALÁCIO DO GOVERNO, POR OCASIÃO DA VISITA DE CORTESIA À PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO PERU

Muito obrigado! Boa noite a todos.

Como talvez possais imaginar, é uma alegria para mim poder regressar ao Peru e, depois de alguns anos, visitar-vos a todos. Em primeiro lugar, porque me sinto em casa. Depois, porque, como Papa, é uma honra caminhar com todos os homens e todas as mulheres de boa vontade: católicos, cristãos... com todos; pois queremos juntos buscar sempre o bem do povo. Estou profundamente convencido dos grandes valores presentes no povo peruano: o espírito de comunidade, de união. Além disso, creio que é muito importante procurar sempre formas de trabalhar em conjunto, de superar as diferenças, usando o diálogo, a compreensão e, talvez, muita paciência. Que tenhamos também a convicção de que, caminhando unidos, é possível alcançar muito. Tal como a Senhora Presidente solicitou, é com grande prazer que concedo a bênção de Deus a vós, às vossas famílias, às pessoas queridas e a todo o povo do Peru, para esta noite, para estes dias e para o futuro.

O Senhor esteja convosco.

A bênção de Deus todo-poderoso,

Pai, Filho e Espírito Santo,

desça sobre vós e permaneça para sempre. Amen.

Muito obrigado! Obrigado a todos!

DISCURSO DO SANTO PADRE

Senhora Presidente da República,
Distintas Autoridades,
Senhoras e Senhores,

Estou profundamente feliz por regressar ao Peru. Agradeço, Senhora Presidente, as suas cordiais palavras de boas-vindas. Expresso-lhe também a minha gratidão pelo amável convite para vir a esta terra querida,

bem como a todos aqueles que prepararam esta viagem, tornando possível o meu encontro com comunidades de diversas regiões do país.

Este regresso tem um significado muito especial para mim. A minha história com o Peru começou muito antes do Senhor me ter confiado a Diocese de Chiclayo. Durante anos, compartilhei a vida deste povo, escutei as suas preocupações e aprendi com a sua fé. Muitos abriram-me as portas de suas casas, partilharam comigo a sua mesa – e, claro, um bom ceviche – e fizeram-me sentir um deles. Em 2015, recebi a nacionalidade peruana. Aquele ato representou um vínculo que este povo já vinha a tecer na minha vida há muito. Hoje compreendo o quanto desta terra permanece comigo e o quanto da minha própria história também vos pertence.

“Hoje compreendo o quanto desta terra permanece comigo e o quanto da minha própria história também vos pertence.

Regresso como Sucessor de Pedro, chamado a servir a Igreja universal. A partir desta responsabilidade, reconheço naqueles anos uma parte do caminho pelo qual o Senhor me foi formando como pastor. Se me fosse permitido regressar àqueles anos, voltaria a fazê-lo com alegria, acolhendo tanto os momentos felizes como as dificuldades. Por isso, com profunda gratidão, posso dizer-vos que regresso também à minha pátria.

O Peru tem uma história milenar, formada por povos de diversas línguas e tradições. Parte dessa história continua a ser contada em quíchua, aimará e nas línguas da Amazónia. Com o passar dos séculos, juntaram-se outras heranças, entre as quais a afro-peruana e a asiático-peruana, que também contribuíram para formar a identidade do país. Há quase quinhentos anos, o anúncio do Evangelho abriu um capítulo decisivo dessa história. Como recordou Bento XVI, «do encontro desta fé com as etnias originárias nasceu a rica cultura cristã deste Continente» (*Discurso na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, 13 de maio de 2007, 1). A fé enraizou-se profundamente nestas terras e encontrou expressão nas suas

tradições e em inúmeras obras de caridade. Basta recordar que a primeira flor da santidade latino-americana tinha o nome *Rosa*, e que essa Rosa era peruana.

As regiões do Peru conservam as próprias tradições e cada uma acrescenta algo distinto à vida nacional. A unidade dum povo fortalece-se quando as diferenças encontram o seu lugar e quando cada pessoa contribui a partir da sua história e convicções. O Peru conserva expressões cotidianas de solidariedade: os trabalhos comunitários nos quais os vizinhos unem esforços para realizar uma obra benéfica para todos, a ajuda que as famílias prestam umas às outras diante das dificuldades e a hospitalidade que tantas vezes constatei. Nestes gestos descobre-se uma forma de amar a própria pátria que, em primeiro lugar, se manifesta no cuidado com os que nela vivem.

Amar um povo é desejar que todos, no seu seio, possam viver com dignidade, interessar-se por este e estar disposto a dar algo de si mesmo para o seu bem. Trata-se dum sentimento que passei a compreender melhor graças a vós e que hoje desejo partilhar com quem exerce responsabilidades públicas.

Senhora Presidente, distintas Autoridades: esta preocupação pelo bem dos outros concretiza-se admiravelmente no serviço público. O Papa Francisco, que visitou esta querida terra em 2018, recordou que a política «é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum» (Exort. ap. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), 205). A vida democrática reúne pessoas de convicções e aspirações diversas, unidas pelo mesmo destino nacional. As instituições disponibilizam canais para que essas diferenças encontrem expressão e se possam trilhar caminhos de entendimento. As decisões públicas afetam também quem vive longe dos lugares onde são tomadas: isto nunca deveria ser esquecido.

Para conhecer as necessidades daqueles que estão longe, é preciso começar por escutá-los. Lembro-me de conversas aparentemente simples, nas quais emergiam as dificuldades duma família ou as esperanças duma comunidade inteira. Num país onde se falam tantas línguas, escutar exige também procurar que todos se possam fazer entender. Aqueles que

recorrem às instituições esperam ser escutados, compreender as decisões que os afetam e encontrar alguém a quem possam dirigir-se com confiança. Por trás do expediente, dos trâmites rotineiros ou do número abstrato que consta no recenseamento nacional, há rostos concretos que aguardam respostas das quais depende grande parte da sua tranquilidade.

> **Para conhecer as necessidades daqueles que estão longe, é preciso começar por escutá-los.**

Escutar requer uma paciência especial quando se enfrentam desacordos ou experiências dolorosas. Também o Peru passou por momentos difíceis que puseram à prova a convivência entre os seus habitantes. Os acontecimentos do passado merecem ser tratados com justiça e sensibilidade, deixando espaço para que a concórdia cresça e as diferenças sejam encaradas com respeito. A vida democrática implica reconhecer que ninguém possui todas as respostas e que as divergências não impedem a partilha duma sincera preocupação com o bem do país. Gostaria de incentivar todos a cultivar a honestidade, a retidão e a abertura ao diálogo, qualidades que mantêm a confiança entre as pessoas e conferem solidez à vida das instituições.

Para as famílias, a paz tem um significado muito concreto: sair sem medo para o trabalho, cuidar dos filhos e regressar com serenidade a casa. São aspirações simples, mas ninguém deveria ver-se privado delas. A Igreja conhece o sofrimento que a violência provoca e deseja manter-se próxima de quem a padece, encorajando os esforços daqueles que trabalham para proteger a vida, a dignidade e os direitos das pessoas através da justiça e do direito.

> **Para as famílias, a paz tem um significado muito concreto: sair sem medo para o trabalho, cuidar dos filhos e regressar com serenidade a casa. São aspirações simples, mas ninguém deveria ver-se privado delas.**

Sustentar dignamente a própria família faz também parte desta paz quotidiana. Penso nos agricultores que cultivam a terra, nos pescadores que se fazem ao mar, nos pequenos comerciantes e naqueles que garantem a atividade das cidades. Cada um destes trabalhos contribui para a vida da nação e merece ser reconhecido na sua dignidade. São Paulo VI ensinou que o desenvolvimento autêntico deve promover «todos os homens e o homem todo» (Carta enc. *Populorum progressio*, 14). Este desenvolvimento inclui o bem-estar material e as aspirações culturais, morais e espirituais de cada pessoa. Há bens que nenhuma prosperidade económica pode substituir: a paz da consciência, a certeza de ser amado e a liberdade de procurar a verdade e orientar a própria vida de acordo com ela.

> **Há bens que nenhuma prosperidade económica pode substituir: a paz da consciência, a certeza de ser amado e a liberdade de procurar a verdade e orientar a própria vida de acordo com ela.**

O desejo de procurar a verdade começa a manifestar-se muito cedo, nas perguntas com que uma criança descobre o mundo. Uma escola capaz de acolher essa busca pode abrir-lhe horizontes que antes pareciam distantes e ajudá-la a reconhecer as próprias capacidades. Penso com gratidão nos professores das diferentes regiões do Peru, que acompanham esta descoberta e transmitem aos seus alunos os valores da sua terra, para que estes aprendam a conhecê-la e a amá-la. Mas os horizontes que se abrem nas salas de aula precisam, depois, de encontrar oportunidades concretas. Dirijo uma palavra de carinho aos jovens, especialmente àqueles que procuram o seu primeiro emprego ou se preparam para novas responsabilidades. Trabalhemos para que possam desenvolver os seus talentos, colocando-os generosamente ao serviço dos outros, em especial dos mais necessitados.

Quando uma pessoa adoece ou necessita de cuidados contínuos, a vida dos que a rodeiam também muda. Quem acompanhou um ente querido conhece o grande significado de cuidados médicos adequados, da presença dum amigo e duma palavra de consolação. Penso nos idosos, nas pessoas com deficiência e naqueles que sofrem com a solidão ou com dificuldades relacionadas à saúde mental. Muitas famílias, geralmente com grandes sacrifícios, assumem silenciosamente estes cuidados. Exorto as autoridades a apoiar esta dedicação, proporcionando-lhes serviços de saúde acessíveis e reforçando a medicina preventiva. Aqueles que dedicam as suas forças a cuidar dos outros também precisam de encontrar quem cuide deles.

Penso também em tantas mulheres peruanas que mantêm cantinas comunitárias e refeitórios sociais, e naquelas que, a partir das suas profissões e responsabilidades públicas, contribuem para o bem do país. Possam todas elas desenvolver livremente as suas capacidades, participar plenamente nas comunidades e viver livres da violência e de qualquer forma de exploração.

No Peru, os rios da Amazónia, as alturas andinas e o extenso litoral moldam a vida de numerosas comunidades e o trabalho dos seus habitantes. A exploração dos seus recursos, através da agricultura, da pesca ou da mineração, exige que se cuide da natureza e se respeitem as comunidades que dela dependem (cf. Carta enc. *Laudato si'*, 183). Conhecer cada

território permite antecipar os riscos dos fenómenos naturais e proteger melhor a população. A solidariedade que os peruanos demonstram perante as emergências merece encontrar instituições igualmente empenhadas, capazes de prevenir e agir oportunamente quando uma vida está em perigo.

A ciência e a tecnologia ajudam a antecipar muitos destes riscos. Os seus avanços permitem também melhorar os cuidados de saúde e levar oportunidades educativas a comunidades distantes. A inteligência artificial aumenta estas possibilidades e transforma a nossa forma de trabalhar e de nos relacionarmos. Como recordei em *Magnifica humanitas*, estas novas capacidades exigem discernimento e uma orientação responsável para o bem comum (cf. n.º 5). Que os seus benefícios cheguem a todos e que o seu desenvolvimento permaneça ao serviço da dignidade humana. Além disso, é necessário que existam garantias jurídicas adequadas para prevenir possíveis abusos e proteger as pessoas das suas consequências.

A proteção do ambiente e o uso responsável das novas tecnologias exigem igualmente a colaboração entre países. Em virtude da sua localização andina e amazónica e da sua abertura ao Pacífico, o Peru mantém laços com as nações vizinhas e com povos de outros continentes. Inúmeras questões que afetam a vida dos seus habitantes, desde a proteção do ambiente aos movimentos migratórios, encontram melhores respostas através do diálogo e da cooperação.

Por outro lado, penso em tantos peruanos que vivem fora do país e que, enquanto constroem a sua vida noutras terras, conservam o carinho pelas suas famílias e contribuem para as suas comunidades de origem. Em cidades muito distantes, a imagem do Senhor dos Milagres continua a reunir peruanos que encontram nesta devoção uma forma de manter os laços com a sua terra. Eu mesmo vi Roma vestir-se de roxo! A distância não diminui necessariamente o amor pela pátria; por vezes, permite reconhecer com maior clareza o quanto dela recebemos. Quem chega ao Peru traz também histórias e esperanças que merecem acolhimento e respeito. Nos seus percursos de vida, nota-se que as relações entre os países têm consequências muito concretas na vida das famílias.

> **A distância não diminui necessariamente o amor pela pátria; por vezes, permite reconhecer com maior clareza o quanto dela recebemos.**

As guerras e as tensões que afligem tantos povos exigem uma diplomacia paciente, que mantenha aberto o diálogo, respeite o direito internacional e procure acordos que protejam a vida e a dignidade das pessoas. Cada nação tem aspirações legítimas, mas nenhuma pode considerar estranha a sorte das outras. Encorajo o Peru a que continue a contribuir para a cooperação regional e internacional, e a promover o entendimento, mesmo quando as posições pareçam irreconciliáveis. Que nunca se deixe de procurar caminhos para aliviar o sofrimento dos povos e progredir rumo à paz.

É neste espírito de cooperação que se inscrevem as relações entre o Peru e a Santa Sé. A Constituição peruana reconhece a Igreja Católica como um elemento importante na formação histórica, cultural e moral da nação e prevê, num regime de independência e autonomia, a colaboração do Estado com ela respeitando igualmente as outras confissões (cf. art. 50). A Igreja, consciente deste reconhecimento, deseja continuar a oferecer ao povo peruano o que recebeu como missão: anunciar o Evangelho, acompanhar os que sofrem e servir a dignidade de cada pessoa. Este compromisso torna-se visível nas suas comunidades, nas suas obras educativas e de assistência social, e em tantos fiéis leigos que, movidos pela fé, participam na vida do país através das suas profissões e responsabilidades cívicas. Que esta relação continue a desenvolver-se com respeito recíproco, procurando sempre o bem de todos os peruanos.

Senhoras e senhores: há muitas formas de servir o Peru. Agradeço a todos os que o fazem a partir das suas instituições e aos que, com o trabalho diário, contribuem para o bem das comunidades. Recebi muito de vós. Há rostos, conversas e gestos de carinho que, depois de tantos anos, continuam a acompanhar-me. Desde a Sé de Pedro, desejo retribuir tanto

carinho com a minha oração e proximidade. Gostaria também de propor a Doutrina Social da Igreja àqueles que trabalham pelo bem desta nação, como uma ajuda que os ilumine e oriente os seus esforços.

No poço de Santa Rosa de Lima, gerações de peruanos colocaram os seus pedidos e esperanças. Hoje, daqui, gostaria também de lançar a minha oração neste abençoado poço. Pela intercessão da Santíssima Virgem Maria, de Santa Rosa e de todos os santos e beatos desta terra, peço ao Senhor que o amor de Cristo vos ajude a reconhecer, em cada peruano, um irmão, uma irmã e, em cada pessoa, mais um motivo para amar a vossa pátria. Deus abençoe o Peru e todos os seus habitantes. Muito obrigado.

PALAVRAS DO SANTO PADRE DA VARANDA DA NUNCIATURA APOSTÓLICA

Boa noite, Lima! Boa noite, Peru!

Bem, não tenho palavras para agradecer tão calorosa recepção por eu ter regressado hoje para a minha casa. Como é bonito encontrar-vos aqui com tanto entusiasmo, com tanta alegria e com tanta oração.

Especialmente neste período, agradeço muito as orações de todos vós. Obrigado!

Aqui, em frente à Nunciatura, encontra-se esta bela pomba, símbolo da paz. Queremos ser promotores e construtores de paz. É mesmo assim. Por isso, com muita sinceridade peço-vos as vossas orações pela paz no mundo, pela paz em todos os países; que sejamos construtores de unidade, artífices de reconciliação e que acreditemos verdadeiramente na paz.

Neste momento, pediram-me para dizer mais alguma coisa. É que há quem tenha as janelas deste lado e queira dormir, desejando um pouco de tranquilidade.

Então, por mais algum tempo ainda pode continuar a festa, mas não a noite toda, porque, senão, amanhã não vai haver paz.

Bem, vamos dar a bênção a todos vós e às vossas pessoas queridas. Uma oração especial por vossas famílias. É muito importante pensar nas famílias e procurar também formas de sermos promotores da unidade nas nossas famílias.

Então, rezemos juntos como Jesus nos ensinou.

Pai nosso...

O Senhor esteja convosco...

Bendito seja o nome do Senhor....

O nosso auxílio vem do Senhor...

A bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre. Amen.

Muito obrigado! Boa noite! E até amanhã!

A CHAVE AGOSTINIANA

A paz, tranquilidade da ordem

> **A paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem.**
>
> Santo Agostinho, A Cidade de Deus, XIX, 13, 1

Quando o Papa descreve a paz quotidiana das famílias — sair para trabalhar sem medo e voltar a casa com serenidade —, exprime em linguagem concreta essa tranquilidade da ordem de que fala Agostinho: uma convivência justa, feita de escuta e de respeito.

02

CAPELA DO PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL · LIMA

DISCURSO

Abrir o coração ao Peru de hoje

Encontro com os bispos do Peru

QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

> **Diante do Sacrário, recuperamos a verdadeira perspectiva do nosso ministério: a Igreja não nos pertence; é de Cristo. Nós somos mensageiros que, um dia, concluiremos o nosso caminho. Só Deus permanece!**

Eminências, Excelências, Monsenhores,
Queridos irmãos,

Agradeço as palavras que D. Carlos Enrique García Camader, Bispo de Lurín e Presidente da Conferência Episcopal, me dirigiu em nome de cada um de vós, bem como as orações pela minha recuperação. Alguns de vós sabeis que havia aqueles "Tomés" que diziam: "ele não virá"; "não vai ser possível". Mas Deus é grande e a sua graça é maior do que todos nós. Estou verdadeiramente muito feliz de estar aqui convosco.

Dou graças a Deus, que nos permite esta oportunidade de ter este diálogo como bispos irmãos. Estivestes em Roma, há não muitos meses, para a visita *ad limina*, e agora nos encontramos aqui. Entusiasmam-me também os encontros que, durante estes dias, terei no Peru. Obrigado pelo trabalho que fizestes para organizar a minha visita.

Queridos irmãos bispos, os caminhos que atravessam a geografia de um país percorrem também a alma do seu povo. Podemos contemplar esta verdade no Peru. As suas montanhas, os seus vales, a sua costa, a sua Amazónia e os seus antigos caminhos conservam a memória de povos que aprenderam a encontrar-se e a partilhar os seus dons.

Entre esses caminhos, há um que vos é muito familiar: o grande Caminho Inca, essa extensa rede que uniu territórios, comunidades e culturas por toda a extensão desta geografia. Recorrendo a esta imagem, gostaria de vos propor uma reflexão sobre a nossa missão episcopal, porque também a Igreja é um caminho de comunhão e esperança; um caminho que atravessa as montanhas da indiferença, os desertos do individualismo e as distâncias que separam os homens. Além disso, o lema desta visita que ressoa nestes dias – "Abramos o coração!" – convida-nos, realmente, à conversão, à comunhão e à missão.

Mas, para um bispo, o que significa "abrir o coração"? Significa conhecer o caminho para Deus, a fim de o percorrer com o Povo fiel e permitir que Deus e o Povo coloquem em questão as prioridades. Trata-se de uma viagem eminentemente missionária, tal como a do Caminho Inca, que não foi feito para que os caminhantes ficassem a contemplar as suas paisagens grandiosas, mas para permitir chegar a todo o *Tawantinsuyu*. À semelhança dos *chasquis*, que percorriam o império levando mensagens

urgentes e provisões vitais, o bispo é o mensageiro que leva a Boa Nova do Evangelho, guarda o tesouro da Palavra de Deus e distribui os Sacramentos como bens indispensáveis para sustentar a vida cristã.

Tal como este caminho é herdeiro dos trilhos ancestrais utilizados pelas culturas pré-incas, podemos também pensar que o bispo é servidor de uma história de salvação que começou antes dele e que continuará depois da sua passagem. Por isso, para o bispo, "abrir o coração" é reconhecer o caminho que Deus já está a percorrer com o seu povo, o que ainda falta percorrer e para onde se devem dirigir os passos para continuar a construir um futuro de esperança para todos.

Queridos irmãos, para o bispo, abrir o coração significa também conhecer a sua diocese, entrando nas casas, acompanhando os doentes, encontrando-se com os jovens e aproximando-se das comunidades que, devido à distância geográfica ou à fragilidade social, raramente conseguem fazer-se escutar ou ser escutadas: o pastor é chamado a ir ao encontro de todos.

Nisto, destaca-se de forma singular a figura de São Toríbio de Mogrovejo. Ele compreendeu que a sua missão exigia *estar com* as comunidades *para* se ocupar *in primis* da formação cristã, assegurando-se de que o Evangelho pudesse ser anunciado também nas línguas dos povos indígenas. O Catecismo, escrito em aimará, quíchua e castelhano, testemunha o seu ardor missionário, em comunhão com os bispos reunidos no Terceiro Concílio Provincial de Lima.

Sabemos que o Caminho Inca não é fácil: as suas subidas e passagens estreitas põem à prova a resistência do caminhante, cujo esforço encontra alívio ao contemplar a majestosa criação. De forma semelhante, também a missão episcopal nem sempre vai por caminhos desimpedidos. Encontramos dificuldades pastorais, divisões sociais, incompreensões e decisões que podem revelar-se dolorosas. São Toríbio ilumina-nos também aqui, fazendo-nos compreender que a caridade pastoral não consiste em evitar os problemas, mas em permanecer fiéis a Cristo e procurar o maior bem possível para as pessoas. Tal como as contrariedades do caminho atravessam as montanhas, a cruz de Jesus

perpassa o nosso ministério, e essa mesma cruz recorda-nos que nenhum cansaço oferecido por amor é inútil, quando se une à entrega de Jesus Cristo (cf. *Mt* 16, 24-25).

> **São Toríbio ilumina-nos também aqui, fazendo-nos compreender que a caridade pastoral não consiste em evitar os problemas, mas em permanecer fiéis a Cristo e procurar o maior bem possível para as pessoas.**

É importante ter em conta que este percurso não se faz sozinho. Ao encontrar-me no território que acolheu o primeiro seminário no Peru, penso no bispo, que transforma o caminho num *Yachay wasi* itinerante, numa "casa do saber" e, sendo companheiro de viagem dos seus sacerdotes, não se limita a indicar-lhes a direcção, mas partilha os seus cansaços e anseios, reconhece a marca de Deus nas suas vidas e zela para que nenhum fique para trás. Porém, indo além da imagem, o certo é que caminhar juntos cria comunhão, um dom que se deve pedir sempre: comunhão com o Sucessor de Pedro, com os outros bispos, com os religiosos e religiosas e com todo o Povo de Deus. Tudo isto é indispensável para percorrer fielmente o *Caminho*, que é Cristo.

Neste sentido, alegra-me o processo sinodal empreendido na Igreja peruana. Peço-vos que continueis a trabalhar com firmeza, numa ação conjunta com o Povo de Deus, tornando cada vez mais possível uma Igreja onde todos nos reconheçamos corresponsáveis e discípulos missionários do Senhor; vivendo, cada um segundo a própria vocação, em mútua confiança, de modo que a autoridade não seja exercida de forma tirânica nem a obediência seja mera subserviência.

Gostaria agora de mencionar aqueles que percorreram estas terras antes de nós. Para além de São Toríbio de Mogrovejo, pensemos em Santa Rosa de Lima: a sua oração e entrega aos necessitados recordam-nos que a fecundidade apostólica depende da nossa união com o Senhor e, por conseguinte, do cuidado da nossa própria vida espiritual no ministério episcopal.

Com São Francisco Solano, aprendemos a atravessar fronteiras para anunciar o Evangelho. O seu espírito missionário e alegre recorda-nos que a Igreja existe para proclamar Jesus Cristo, especialmente àqueles que vivem nas periferias humanas e geográficas.

São Martinho de Porres e São João Macías, através da sua humildade, ensinam-nos a reconhecer Cristo nos pequeninos; com estes santos aprendemos também que a caridade começa com um gesto simples, uma escuta atenta, e eles recordam-nos que ninguém deve ser avaliado pelo seu prestígio, origem ou posição social. Neste contexto, permiti-me referir uma realidade que nos causou tanta dor: os abusos perpetrados por membros do clero ou no contexto eclesial. Temos de responder como faria Jesus: com verdade, justiça, perdão, reparação e com um compromisso cada vez mais firme a favor de uma cultura de prevenção e proteção dos mais fracos face a estes delitos.

As vidas dos santos, que são distintos entre si, mas movidos pela mesma fé – bispos, sacerdotes e leigos, espanhóis, crioulos e mulatos – representam a unidade da Igreja do Peru e constituem uma escola de santidade. Eles continuam a percorrer conosco, aqui e agora, os muitos caminhos do único *Caminho*, ensinando-nos a ser *in Illo uno unum*.

Queridos irmãos bispos: em 2018, neste mesmo local, estava sentado por aí, entre vós, e recebemos do nosso querido Papa Francisco uma exortação veemente a trabalhar pela unidade. Recordo que ele nos disse: «Não fiquem presos a divisões que criam facções e reduzem a vocação para a qual fomos chamados: ser sacramento de comunhão. [...] Essa era, é e será a melhor evangelização» (*Encontro com os bispos*, Lima, 21 de janeiro de 2018). Com efeito, a comunhão entre vós - entre nós - é o fundamento da credibilidade do Evangelho que anunciais.

> **Com efeito, a comunhão entre vós - entre nós - é o fundamento da credibilidade do Evangelho que anunciais.**

A nossa missão como bispos pede que sejamos construtores de pontes, que promovamos o diálogo, que eduquemos para o encontro e que ajudemos a curar as feridas que dividem a sociedade peruana. Para sermos eficazes nesta tarefa, ajuda-nos abrir o coração também aos nossos irmãos bispos: cultivar a confiança, partilhar as dificuldades e fortalecer a fraternidade episcopal. Nenhum bispo deveria sentir-se sozinho ao longo do caminho. Nenhuma Igreja particular deveria viver a sua missão como se fosse alheia à missão das outras. Na comunhão e a partir dela, o bispo será instrumento para impedir que as polarizações sociais ou políticas enfraqueçam a sua missão profética e evangelizadora.

> **Nenhum bispo deveria sentir-se sozinho ao longo do caminho. Nenhuma Igreja particular deveria viver a sua missão como se fosse alheia à missão das outras.**

Por fim, queridos irmãos, o bispo tem de abrir o coração ao Peru de hoje. Um caminho antigo conserva o seu valor quando continua a permitir que as pessoas cheguem ao seu destino. Devemos perguntar-nos que caminhos conduzem verdadeiramente a Cristo, denunciando os falsos. O Peru de hoje precisa de pastores capazes de escutar as perguntas do seu tempo e de o iluminar com a clareza do Evangelho, para acompanhar as famílias, apoiar os jovens, defender a vida e a dignidade de cada pessoa, promover a

justiça e comprometer-se com a custódia da criação, ajudando, em particular, aqueles que sofrem com a pobreza, a exclusão, a corrupção, a violência e a falta de oportunidades.

> **Um caminho antigo conserva o seu valor quando continua a permitir que as pessoas cheguem ao seu destino.**

Esta missão exige unir a fidelidade doutrinal à proximidade pastoral; a celebração dos Sacramentos ao compromisso para com o próximo; a formação da consciência ao testemunho concreto da caridade.

> **Esta missão exige unir a fidelidade doutrinal à proximidade pastoral; a celebração dos Sacramentos ao compromisso para com o próximo; a formação da consciência ao testemunho concreto da caridade.**

A Eucaristia é a fonte e o ápice da nossa vida cristã. Diante do Sacrário, recuperamos a verdadeira perspectiva do nosso ministério: a Igreja não nos pertence; é de Cristo. Nós somos mensageiros que, um dia, concluiremos o nosso caminho. Só Deus permanece!

Que nunca nos falte tempo para estar com o Senhor e acompanhar aqueles que precisam de experimentar a paternidade espiritual do bispo. Pois o bispo, unido a Cristo, mesmo no meio das suas limitações, é um instrumento de consolação, unidade e esperança.

Gostaria de terminar com três apelos:

Primeiro: não deixeis de caminhar com este povo.

Segundo: não deixemos de caminhar juntos, em comunhão episcopal, como testemunhas da unidade que anunciamos.

Terceiro: não deixemos de abrir o coração a Deus, para que renove a nossa vocação; aos irmãos, para que as divisões sejam curadas; e ao seu povo, para que encontre em vós um "bispo pai" próximo, corajoso e misericordioso.

Que Santa Maria, Mãe da Igreja, no-lo conceda, para que todos os filhos desta linda terra – nas alturas andinas, nos vales, na Amazónia, na costa e nas ilhas – encontrem na Igreja um lar onde sejam acolhidos, escutados, amados e conduzidos a Jesus Cristo. Muito obrigado!

03

BASÍLICA CATEDRAL DE SÃO JOÃO APÓSTOLO E EVANGELISTA · LIMA

HOMILIA

Uma sinfonia de comunhão

Celebração da Hora Média com bispos, sacerdotes, religiosos, seminaristas e equipas sinodais

QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

> **A comunhão não é completa homogeneidade, nem é necessariamente um consenso imediato, mas sim um espaço em que as diferentes vozes, com a ajuda do Espírito e sob a orientação dos pastores, aprendem a fundir-se sem se anularem, criando harmonia.**

Queridos bispos, sacerdotes,
Religiosos e religiosas, seminaristas,
Membros dos Conselhos Pastorais e das Equipas Sinodais,
Irmãos em Jesus Cristo,

É com grande alegria que me encontro novamente em solo peruano, próximo duma Igreja que me é tão querida. Venho como pai e irmão na fé; como pastor que ama o seu rebanho.

Cheguei ao Peru pela primeira vez há muitos anos, enviado para servir o Povo de Deus e construir o seu Reino, para promover a paz na justiça, com especial atenção aos mais fracos. Regresso hoje para vos encorajar a continuar a obra de difusão do Evangelho, atentos à vida e às necessidades das pessoas. Com este objetivo, gostaria que refletíssemos juntos sobre algumas atitudes que são importantes para sermos Igreja e para construirmos a civilização do amor, verdadeiramente alicerçada no bem comum. A Leitura Breve que acabámos de escutar ajuda-nos nesse sentido; trata-se da Primeira Carta de São João (cf. *1 Jo* 3, 23-24).

A primeira ideia que nos apresenta é o convite [de Deus] a acreditar «no Nome de seu Filho, Jesus Cristo» (v. 23), ou seja, *olhar para* Ele como o único alicerce sobre o qual construir o nosso templo de pedras vivas (cf. *Ef* 2, 19-22). Cristo é a Luz, a Palavra, o Pão, e a Igreja cresce precisamente onde os homens vivem unidos entre si, graças à comunhão com Ele. No-lo confirma a busca constante de Deus que caracterizou a vida de tantos santos, como a do bispo São Toríbio de Mogrovejo, apóstolo incansável, dinâmico e criativo, corajoso defensor dos pobres, pastor generoso, disposto a gastar-se pelo seu rebanho. No entanto, se quisermos chegar à origem de tanto vigor e dinamismo, devemos fixar o olhar na sua íntima relação com o Senhor, em cujo seguimento até à cruz encontrou sentido, orientação e força para toda a sua missão. É nesta relação que também nós devemos inspirar-nos para servir a comunidade, aprendendo a ler a nossa história à luz da Páscoa. Contemplando o Crucificado-Ressuscitado, o Senhor dos Milagres, encontraremos uma orientação segura para o nosso caminho nos “sinais” da sua bondade.

> **Cristo é a Luz, a Palavra, o Pão, e a Igreja cresce precisamente onde os homens vivem unidos entre si, graças à comunhão com Ele.**

O segundo valor que gostaria de recordar é o da *reconciliação*. São João, na sua carta, diz que é vontade de Deus que nos amemos «uns aos outros, como Ele nos mandou» (*1 Jo* 3, 23). O Peru precisa muito disto; precisa de uma Igreja semeadora do amor, capaz de construir pontes onde outros erguem muros, capaz de ouvir, curar, perdoar e, ao mesmo tempo, disposta a reconhecer as suas infidelidades e a pedir perdão com humildade, assumindo responsabilidades pelas feridas que causou tanto dentro de si como à sua volta. Precisa de uma Igreja que, abraçada à Cruz, saiba também enfrentar os conflitos com caridade e coragem, com a fé de que, em Cristo, é sempre possível recomeçar e encontrar a unidade, porque, como diz São Paulo, tudo isto não é apenas obra nossa, mas «vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação» (*2 Cor* 5, 18).

Só assim seremos verdadeiros *artesãos de paz* (cf. Carta enc. *Fratelli tutti*, 225), segundo a expressão tão querida ao Papa Francisco. E este é o terceiro ponto sobre o qual gostaria de refletir. Já me ouvistes falar muitas vezes da necessidade de promover no mundo uma «paz desarmada e desarmante» (*Mensagem para o LIX Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2026*). Trata-se de uma urgência real, à qual é preciso responder cultivando, dia após dia e em todas as circunstâncias, os valores do diálogo e da fraternidade, e evitando qualquer polarização que seja causa de divisão. A paz começa sempre “aqui e agora” e depende da maneira como nos comportamos, como nos olhamos, como nos respeitamos e como nos escutamos. Se queremos difundi-la, devemos primeiro, perante Deus, guardá-la e cultivá-la em nós próprios e entre os nossos entes queridos, para depois a difundirmos nas comunidades e nos diversos âmbitos da vida social e política.

> **A paz começa sempre “aqui e agora” e depende da maneira como nos comportamos, como nos olhamos, como nos respeitamos e como nos escutamos.**

Assim, seremos autênticos artífices dessa *comunhão*, que a família dos batizados é chamada a encarnar, para ser, cada vez mais, em Cristo, o «sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (Const. dogm. *Lumen gentium*, 1). A unidade é, para o cristão, uma dimensão irrenunciável da existência, que exige permanente conversão do coração, tanto a nível pessoal como comunitário. O Batismo torna-nos, pela graça, membros do único Corpo de Cristo (cf. *1 Cor* 12, 12-13), mas cabe-nos, na nossa dignidade de pessoas livres, aceitar ou não, todos os dias, o dom que nos foi concedido. A este respeito, na Última Ceia, Jesus expressou o desejo do Pai: «Que todos sejam um só [...] e o mundo creia» (*Jo* 17, 21).

Portanto, a questão é como agir e tornar visível o nosso ser “um”, recorrendo a todos os meios adequados e transformando até mesmo as diferenças e as feridas em oportunidades para crescer juntos, na estima mútua e no perdão. A comunhão não é completa homogeneidade, nem é necessariamente um consenso imediato, mas sim um espaço em que as diferentes vozes, com a ajuda do Espírito e sob a orientação dos pastores, aprendem a fundir-se sem se anularem, criando harmonia. Isto requer saber escutar com abertura até mesmo aquilo que não coincide com a nossa própria percepção, acolhendo a dor do outro sem o julgar e deixando-nos tocar pela sua história. Só assim se poderá realizar, nas nossas comunidades, essa corresponsabilidade que faz de cada um de nós profetas da Boa Nova.

E isto leva-nos ao último aspecto da nossa reflexão: a *missão*. «A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária» (Decreto *Ad gentes*, 2); ela impele-nos, por natureza, a anunciar o amor que de Deus recebeu e no qual acredita (cf. *1 Jo* 4, 16). Por isso, exorto-vos a todos, queridos irmãos e irmãs,

a manter viva a chama deste amor, para dar um testemunho fidedigno e alegre, cada um de acordo com a sua vocação: os bispos, reconhecendo, como pastores, a voz de Deus que fala através da vida do rebanho, especialmente na escuta e na proximidade aos sacerdotes; os sacerdotes, cultivando amor intenso por Cristo, fidelidade e obediência à Igreja e acompanhamento aos irmãos e irmãs pelos quais são responsáveis; os consagrados e as consagradas, renovando cada dia a profissão do seu "sim" com uma vida verdadeiramente evangélica e pedindo ao Espírito Santo a graça de "renascer do alto" (cf. *Jo* 3, 3); os seminaristas, cultivando a beleza e o frescor do chamamento, mantendo viva a relação com Jesus e cuidando da interioridade. E a vós, membros leigos dos Conselhos Pastorais e das Equipas Sinodais, peço-vos que continueis comprometidos com o trabalho que iniciastes: a Igreja precisa de vós, do vosso contributo, da vossa fé.

Queridos irmãos e irmãs, unamo-nos todos, hoje e sempre, na grande sinfonia da comunhão, cujo Maestro é Cristo. Cantemos o amor do Pai caminhando juntos, com o coração aberto à graça, unânimes, fiéis ao mandamento que recebemos: «Acreditar no Nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amarmo-nos uns aos outros» (*1 Jo* 3, 23). Assim seja, com a graça do Espírito Santo e a intercessão de Maria, nossa Mãe.

“Queridos irmãos e irmãs, unamo-nos todos, hoje e sempre, na grande sinfonia da comunhão, cujo Maestro é Cristo.

04

PRAÇA EM FRENTE À CATEDRAL · LIMA

DISCURSO

A pessoa no centro

Encontro sobre os desafios e as esperanças para o futuro do povo peruano

QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

> **“As diferenças favorecem o encontro e o enriquecimento mútuo. É precisamente porque somos diferentes que criamos uma “comum unidade”: comunidade.**

Queridos irmãos e irmãs, meu querido povo peruano, bom dia!

Agradeço-vos por estardes aqui e me acolherdes de coração aberto, como vosso *irmão e companheiro de caminho*. Fazeis-me sentir em casa. Muito obrigado! Desejo caminhar nestes dias entre vós como São João Batista, sendo testemunha da Luz que ilumina todo o homem: Jesus Cristo, o Filho de Deus (cf. *Jo* 1, 6-9). Coloquemo-nos à escuta do Mestre, que nestas terras é venerado de forma tão especial sob a invocação do Senhor dos Milagres, para acolher o que Ele deseja dizer ao Peru nestes dias.

Os desafios que mencionastes não podem ser enfrentados de forma isolada, porque a família, a diversidade cultural, o mundo do trabalho e a condição das mulheres fazem parte, em profunda interdependência, duma mesma realidade humana. A Doutrina Social da Igreja oferece-nos elementos para a compreender: no centro de toda a organização social, económica e política deve estar a pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, dotada duma dignidade infinita e chamada a viver em relação com os outros. Sobre esta base, o bem pessoal, familiar e social articulam-se numa única realidade.

Na centralidade da dignidade humana estão fundamentados outros princípios essenciais para orientar as decisões pessoais, familiares, empresariais e institucionais, tais como o bem comum, a solidariedade e a subsidiariedade.

A vida humana não começa no vazio: nasce do amor entre um homem e uma mulher que, entregando-se mutuamente, se abrem ao dom de uma nova existência. O filho é fruto desta comunhão – não um produto –, trazendo em si, desde o início, a marca da relação de onde provém. O seu início, extremamente frágil, é protegido no seio da mãe, o primeiro lugar de acolhimento, onde este vínculo originário se traduz em proximidade e proteção. De acordo com o desígnio do Criador, o ser humano é gerado e cresce nesta trama de relações. Assim, a dignidade da vida nascente encontra na família o seu espaço próprio.

Iluminada pelo Evangelho e em consonância com as ciências humanas, a Tradição da Igreja afirma que a família é a primeira sociedade natural com direitos próprios. Isto significa que a família antecede qualquer lei escrita –

que deve simplesmente reconhecê-la e protegê-la – e que as instituições públicas devem ajudá-la, não substituí-la (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 214).

Como referistes, as mudanças culturais certamente alteraram os papéis tradicionais de homens e mulheres, que procuram desenvolver novas atitudes e estilos, na família e na sociedade, às vezes por vias erradas (cf. *Documento de Aparecida*, 49). Esta situação exige-nos propor com maior empenho que Deus criou o ser humano homem e mulher (cf. *Gn* 1,27) e que apenas nesta união se expressam a reciprocidade e a complementaridade, a partir das quais se desdobram a paternidade e a maternidade, a filiação e a fraternidade, bem como o compromisso de todos por uma sociedade melhor.

No entanto, viver na verdade do nosso ser homem e mulher não justifica a desigualdade na responsabilidade pelas tarefas domésticas, nem a subordinação de um cônjuge ao outro. Devemos continuar a trabalhar para harmonizar o papel do homem e da mulher nas famílias e afirmar que ambos são corresponsáveis na construção do futuro da sociedade.

A nossa fé oferece-nos uma compreensão do ser humano que ajuda a superar as tensões que surgem ao analisarmos as novas tendências culturais. Assim, o amor cristão ajuda a compreender que amar é servir a Deus e ao próximo. É nesta chave que se revela o significado profundo de ser pai, mãe, filho, neto ou avô, promovendo o diálogo, a paciência, a bondade, o perdão e o serviço mútuo (cf. *1 Cor* 13). Aprofundar-se nisto é uma fonte fecunda de espiritualidade no lar.

Cada membro da família é chamado a contribuir, de forma original e criativa, com os dons e talentos que recebeu. Ninguém está isento de cuidar do outro, de ter gestos de delicadeza e ternura, de trabalhar com responsabilidade, de escutar com paciência, de ensinar pelo exemplo. A este respeito, gostaria de destacar tantas mães que frequentemente sofrem e se sentem sozinhas, tendo de enfrentar inúmeras dificuldades ao criar os seus filhos, para que cresçam saudáveis e se tornem homens e mulheres de bem. Quero agradecer de forma especial a estas mulheres – mães, tias, avós – que, com grande coragem, transmitem às gerações futuras, através do exemplo das suas vidas, a fé e a esperança certa.

Ninguém está isento de cuidar do outro, de ter gestos de delicadeza e ternura, de trabalhar com responsabilidade, de escutar com paciência, de ensinar pelo exemplo.

Sabemos também que muitas famílias estão feridas, divididas por problemas económicos ou pela emigração para outro país, marcadas pela irrupção de vícios, como a dependência dos jogos, do álcool e das drogas, pelos abusos ou pela violência doméstica. Deus ama todas as famílias, especialmente aquelas que estão a atravessar momentos críticos. A elas quero dizer: não desistais perante as dificuldades! Olhai para o exemplo da Sagrada Família: também para ela não foi fácil construir um lar. Ela também, tal como muitas das nossas famílias, teve de manter a fé e a confiança em Deus em situações de incerteza e precariedade, teve de mudar de cidade e trabalhar para se sustentar, teve de enfrentar a solidão, a dor e a incompreensão. Mas ela também nos ensina que, quando Deus está na nossa família, é possível crescer e continuar a caminhar, enfrentar os problemas, permanecer de pé ao lado da cruz e partilhar juntos a alegria da fé.

Deus ama todas as famílias, especialmente aquelas que estão a atravessar momentos críticos. A elas quero dizer: não desistais perante as dificuldades!

Um desafio muito atual, que também foi mencionado, é o do impacto digital na família. Recentemente, na Carta encíclica *Magnifica humanitas*, expressei como a tecnologia atual corre o risco de suplantar a convivência

real, expondo os membros da família à distração e a conteúdos, por vezes, nocivos. A este respeito, é indispensável uma aliança entre a política, as instituições educativas e as famílias para resolver em conjunto os problemas que daí advêm (cf. nº 142).

Os filhos e as filhas dos nossos lares são, ao mesmo tempo, cidadãos do Peru; são os empresários e os trabalhadores das nossas cidades e campos. Isto conduz-nos ao mundo empresarial, chamado a ser um verdadeiro protagonista na construção do bem comum. A empresa é uma comunidade de pessoas na qual o capital, a direção e o trabalho devem estar ao serviço do desenvolvimento humano integral (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 338). É, portanto, necessário que a autoridade legítima ajude empresários e trabalhadores, estabelecendo um quadro jurídico justo e garantindo, ao mesmo tempo, um equilíbrio razoável entre trabalho, descanso e vida familiar. A estabilidade de relações humanas e económicas sólidas no seio das famílias é uma responsabilidade partilhada.

Quando tomamos consciência desta vital interdependência, descobrimos que o bem comum é a conquista conjunta de um bem maior (cf. *Magnifica humanitas*, 62), para que a riqueza e os recursos da sociedade não se orientem exclusivamente para o benefício de alguns, mas contribuam para o desenvolvimento de todos (cf. *ibid.*, 65).

Nesta interdependência, a educação torna-se um instrumento prático para que os princípios se concretizem. Educar as nossas crianças hoje de acordo com a sua própria dignidade garante uma sociedade honesta para o futuro. A este respeito, um Estado reforça os alicerces duma sociedade justa e pacífica quando promove uma política social que se fundamente na igual dignidade das pessoas, que favoreça as famílias, e que garanta uma política educativa voltada para a formação humana e intelectual dos alunos, bem como uma política laboral protetora simultaneamente da dignidade do trabalho e da iniciativa privada (cf. *ibid.*, 168).

A centralidade da dignidade humana ilumina também a nossa forma de compreender a diversidade cultural. O Peru é um belíssimo país precisamente pela sua pluralidade cultural, linguística, histórica e regional. Como cantamos numa valsa *criolla* [M. Raygada, *Mi Perú*]: "*ricas*

montañas, hermosas tierras; risueñas playas, fértiles tierras; cumbres nevadas, ríos, quebradas ¡Es mi Perú!". As diferenças favorecem o encontro e o enriquecimento mútuo. É precisamente porque somos diferentes que criamos uma "comum unidade": comunidade.

No entanto, como em toda a convivência humana, por vezes, as feridas históricas e a desconfiança tornam difícil compreender-nos uns aos outros. Não é possível aceitar expressões ou comportamentos que classifiquem, ofendam ou julguem as pessoas pela sua aparência, origem ou condição social, sob o pretexto de certas "piadas" ou gíria popular. A par do desarmamento da linguagem, através da renúncia a palavras ofensivas (cf. *Mensagem para a Quaresma,* 5 de fevereiro de 2026), temos também de desarmar as nossas atitudes.

As atitudes agressivas são desarmadas com a mansidão. O próprio Jesus pede-nos: «aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração» (*Mt* 11, 29). Essa mansidão não é fraqueza, mas força interior que modera a ira e o ressentimento, transformando-os em paciência, diálogo e disponibilidade para a reconciliação. Jesus manifestou esta virtude de forma sublime durante a sua Paixão, quando não respondeu às ofensas com violência nem ameaças. Rezemos para que, no "império do sol", *Intipa Imperion*,sejamos reflexos dessa luz, que é Cristo, o «sol nascente» (*Lc* 1, 78).

"As atitudes agressivas são desarmadas com a mansidão.

Neste contexto, como não recordar São Toríbio de Mogrovejo, que difundiu o Evangelho sem imposições no seio de povos diversos com línguas diferentes, que enfrentaram o desafio duma convivência pacífica e da unidade e comunhão em Cristo.

A diversidade cultural pode tornar-se um meio de pacificação quando começamos a reconhecer quem é diferente como um irmão que merece ser respeitado. A unidade na diversidade é obra do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, é algo que devemos cultivar e reforçar, para sermos sinais de unidade em Cristo (cf. *At* 2). A Igreja Católica acolhe no seu seio o mundo inteiro e, ao mesmo tempo, assume a fisionomia de cada lugar (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 26). Ela fala todas as línguas (cf. Santo Agostinho, *Sermão* 268), como evidenciou o Catecismo de Lima.

“A diversidade cultural pode tornar-se um meio de pacificação quando começamos a reconhecer quem é diferente como um irmão que merece ser respeitado.

O reconhecimento da dignidade humana exige também promover efetivamente a presença, o respeito e a participação das mulheres. O seu contributo em todos os âmbitos da sociedade e da Igreja é indispensável. É triste constatar que persiste uma mentalidade machista, que se manifesta na ausência do pai na vida familiar, nos abusos e na violência contra as mulheres, ignorando a novidade do cristianismo, que reconhece e proclama que ambos possuem igual dignidade e responsabilidade (cf. Bento XVI, *Discurso Inaugural da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe,* Aparecida, 2007).

As mulheres em situação de pobreza ou membros de comunidades indígenas e afro-americanas estão sujeitas a sofrer, inclusive, uma dupla marginalização (cf. *Documento de Aparecida*, 454). Por isso, entristece-nos constatar que a violência contra as mulheres – que poderiam ser nossas avós, mães, irmãs, filhas – continua a ser uma realidade que fere toda a humanidade.

Gostaria de reiterar um apelo veemente, não só aos meus irmãos e irmãs na fé, mas a cada homem e mulher de boa vontade: valorizemos as mulheres! Protejamos e respeitemos as meninas! (cf. Carta enc. *Magnifica*

humanitas, 57).

A Igreja valoriza a riqueza, os talentos e a sensibilidade próprios da mulher, cujo modelo por excelência é a Virgem Maria, «nova Mulher e perfeita cristã, que reuniu em si as situações mais características da vida feminina» (S. Paulo VI, Exort. ap. *Marialis cultus*, 36). Com efeito, emerge do Evangelho a sua figura de mulher livre e forte, sempre orientada ao verdadeiro seguimento de Cristo e a acompanhar a missão da Igreja (cf. *Documento de Aparecida*, 266).

Queridos irmãos, queridas irmãs: a família, o mundo empresarial, a diversidade cultural e o papel das mulheres convergem, portanto, numa mesma exigência, isto é, construir uma sociedade em que cada pessoa possa viver com dignidade e contribuir para o bem de todos. As estruturas justas são necessárias, mas não suficientes. São também necessários corações honestos na busca do bem comum para superar a corrupção, a violência e o individualismo (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 169).

“

As estruturas justas são necessárias, mas não suficientes. São também necessários corações honestos na busca do bem comum para superar a corrupção, a violência e o individualismo (cf. Carta enc. Magnifica humanitas, 169)**.**

Como discípulos missionários de Jesus Cristo, façamos dos nossos lares escolas de fraternidade; das nossas empresas, comunidades de trabalho digno e de responsabilidade social; das nossas diferenças culturais, oportunidades de encontro; e das nossas instituições, espaços onde mulheres e homens possam participar e contribuir para o bem comum. Assim avançamos rumo a uma sociedade mais justa, na qual a dignidade de cada pessoa é o fundamento de uma paz verdadeira. Muito obrigado.

[Após o discurso]

Muito obrigado! Agora, irmãos e irmãs, convido-vos a rezar juntos usando as mesmas palavras que Jesus Cristo nos ensinou.

Pai nosso, ...

[Bênção]

Que Deus abençoe o Peru!

05

ESTÁDIO NACIONAL DO PERU · LIMA

DISCURSO

Vinde e vede

Vigília de oração com os jovens e os universitários

QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

> **Não vos conformeis em viver seguindo o que os outros esperam de vós. Deus criou-vos capazes de realizar um bem que mais ninguém poderá fazer exatamente da mesma forma.**

Boa noite, Lima, Callao e Carabayllo! Haverá também gente de Lurín e Chosica! Boa noite a todos. Alguém me disse que no Peru falta um sinal de esperança; pois hoje, aqui no Estádio Nacional, sois vós o sinal de esperança.

Que alegria encontrar-me convosco! Obrigado por esta recepção tão calorosa. Agradeço as palavras do Cardeal Castillo e as perguntas que os jovens me dirigiram, bem como a sinceridade com que o João, a Emily e a Irmã Luzbinda nos abriram os seus corações. O que nos contaram oferece-me a oportunidade de partilhar convosco uma passagem do Evangelho de São João.

Um dia, João Batista estava com dois dos seus discípulos quando viu Jesus passar. Apontando para Ele, disse: «Eis o Cordeiro de Deus!» (*Jo* 1, 36). Ao ouvir isto, os dois começaram a seguir Jesus. O Senhor, dando-se conta de que o seguiam, olhou para eles e perguntou: "Que procurais?" (cf. v. 38). Que bela pergunta! São as primeiras palavras de Jesus que aparecem neste Evangelho. Gostaria que cada um ouvisse essa pergunta como se Jesus a fizesse hoje: O que procuras? O que desejas encontrar? O que esperas da vida?

Não tenhais pressa em responder. Há perguntas que nos acompanham durante muito tempo. Pensai naquilo que mais vos entusiasma, nas pessoas que amais e nos sonhos pelos quais estaríeis dispostos a lutar. Pensai também nessas inquietudes que, por vezes, vos tiram o sono e naquilo que gostaríeis de mudar. Jesus interessa-se por tudo isso, porque se interessa por vós.

Há uma palavra que nos pode ajudar a compreender essa busca: *paixão*. Utilizamo-la para falar daquilo que amamos intensamente, que desperta o nosso entusiasmo e nos leva a dar o melhor de nós mesmos. Mas também nos lembra o sofrimento, as experiências que parecem eliminar a nossa garra de seguir em frente. Há jovens que se sentem sozinhos, mesmo quando estão acompanhados. Outros carregam consigo a dor de uma

perda ou a incerteza quanto ao seu futuro. Por vezes, perguntamo-nos por que razão Deus permite certas coisas ou por que razão parece estar em silêncio quando mais precisamos d'Ele.

Recordemos, então, como o Batista apresentou Jesus: «Eis o Cordeiro de Deus». Aqueles discípulos ainda não conseguiam compreender o que tal nome anunciava. Mais tarde, descobririam o seu significado à luz da *Paixão* do Senhor, que deu a sua vida na cruz. Jesus também conheceu a angústia e a escuridão do sofrimento. Da cruz, chegou a exclamar: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» (*Mc* 15, 34). No meio daquele sofrimento, Cristo continuou a amar. Ele não quis a cruz; quis a nossa salvação: por amor a nós, aceitou carregá-la até ao fim. Assim, aquele instrumento de morte transformou-se, pela sua entrega, no lugar onde se manifestou o seu amor apaixonado, capaz de vencer a morte.



No meio daquele sofrimento, Cristo continuou a amar. Ele não quis a cruz; quis a nossa salvação: por amor a nós, aceitou carregá-la até ao fim.

Queridos jovens, quando sofrerdes, recorrei a Jesus. Não tenhais medo de lhe falar com sinceridade, mesmo quando vos custe encontrar palavras para rezar. Ele conhece as nossas lágrimas e as perguntas que ainda não sabemos responder. Procurai também a companhia daqueles que vos amam: há dores que exigem tempo e uma mão amiga. A fé sustenta-nos nesse caminho e lembra-nos que o sofrimento nunca tem a última palavra. Apaixonai-vos por tudo o que vale a pena, pelo que é verdadeiro, bom e belo! Cultivai os vossos talentos, descobri a riqueza da vossa cultura, ousai empreender projetos generosos. O Papa Francisco recordava que essa «inquietude insatisfeita» pode impulsionar-nos a tomar a vida nas nossas mãos e a assumir a responsabilidade por uma missão (cf. Exort. ap. *Christus vivit*,

138). Não vos conformeis em viver seguindo o que os outros esperam de vós. Deus criou-vos capazes de realizar um bem que mais ninguém poderá fazer exatamente da mesma forma.

Voltemos agora aos dois discípulos. À pergunta de Jesus, responderam: "Mestre, onde moras?". E Ele disse-lhes: «Vinde e vereis» (*Jo* 1, 38-39). Que resposta tão simples! Aqueles homens queriam conhecer Jesus, partilhar algo da sua vida. O Senhor não lhes explicou de antemão tudo o que os esperava. Para começar, bastava aceitar aquele convite. Assim começa também a *vocação*, a segunda palavra que gostaria de partilhar convosco. Todos nos perguntamos o que fazer da nossa vida e a quem vale a pena dar o melhor de nós. Há respostas que só descobrimos quando nos atrevemos a caminhar com Jesus. São Paulo recorda-nos que Deus nos escolheu em Cristo antes da criação do mundo (cf. *Ef* 1, 4). Antes mesmo de existirmos, éramos já amados por Ele!

São Paulo recorda-nos que Deus nos escolheu em Cristo antes da criação do mundo (cf. Ef 1, 4). Antes mesmo de existirmos, éramos já amados por Ele!

Às vezes, perguntamo-nos se seguir a vontade de Deus implica renunciar aos nossos sonhos. Desse receio, pode nascer uma suspeita ainda mais perigosa: acreditar que Deus nos priva de algo e que, para desfrutar plenamente da vida, precisamos também de experimentar o pecado (cf. *Gn* 3, 5). Queridos amigos, gostaria que gravásseis no vosso coração estas palavras do Papa Bento XVI: «o mal envenena sempre» (*Homilia no 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II e Solenidade da Imaculada Conceição*, 8 de dezembro de 2005). Não vos deixeis enganar! Como poderia traze-nos felicidade o que nos faz mal? Deus conhece melhor do que nós próprios os nossos desejos mais profundos. Ele pôs em nós o desejo de amar e ser felizes, e quer levá-lo à sua plenitude.

Tal como aconteceu com os primeiros discípulos, muitas vezes tudo começa com um simples convite: o de um amigo, uma experiência de serviço ou o encontro com alguém cuja vida nos leva a questionar-nos sobre o que realmente importa. Também as histórias que ouvimos esta tarde começaram com um convite. O importante é aprender a reconhecer a voz do Senhor. Por isso, queridos jovens, reservai momentos de silêncio diante do Santíssimo para vos encontrardes com Ele. Falai-lhe dos vossos projetos e deixai-vos interpelar pela sua Palavra. Não tenhais medo de lhe perguntar o que espera de vós. Ele chamará alguns ao sacerdócio ou à vida consagrada; outros, ao matrimónio e à formação de uma família. Vós sois chamados a colocar as vossas capacidades ao serviço dos outros.

Talvez alguns pensem que cometeram demasiados erros ou que já seja tarde demais para recomeçar. Gostaria de lhes dizer: olhai para Jesus, que conhece a vossa história e continua a convidar-vos a caminhar com Ele. Não precisais de ter todo o vosso futuro definido para lhe responder. Dai o passo que hoje podeis dar. Confiai no seu amor e permiti que vos acompanhe. Muitas vezes, o Senhor vai nos mostrando o caminho à medida que o percorremos.



Muitas vezes, o Senhor vai nos mostrando o caminho à medida que o percorremos.

O Evangelho continua com um detalhe precioso: aqueles discípulos «ficaram com Ele nesse dia» (*Jo* 1, 39). São João recorda até mesmo a hora: eram aproximadamente as quatro da tarde. Aquele encontro tinha deixado uma marca que o passar dos anos não conseguiu apagar. Eles ficaram com Jesus! Assim começou uma relação que iria crescer à medida que partilhavam o caminho. E assim chegamos à terceira palavra que gostaria de vos confiar: *amizade*. Também a nossa vocação cresce quando aprendemos a permanecer junto do Senhor, escutando-o e partilhando com Ele as nossas alegrias e preocupações. Com o tempo, aqueles discípulos iriam descobrir até onde chegava o seu amor. Durante a Última

Ceia, Jesus dir-lhes-ia: «Chamei-vos amigos» (*Jo* 15, 15). E, nessa mesma noite, proferiria palavras que se cumpririam na tarde da Sexta-Feira Santa: «Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (v. 13).

Este é o Amigo que vos chama! Cultivai esta amizade na oração, na Eucaristia e na escuta da sua Palavra. Quanto mais aprendemos a amar Jesus, mais capazes somos de amar como Ele. Da nossa amizade com Cristo, nasce também uma amizade mais verdadeira com os outros, que procura sinceramente o seu bem, sabe perdoar e permanece fiel, especialmente nas dificuldades. Como é bonito encontrar amigos que nos fazem crescer e nos aproximam de Deus!



Quanto mais aprendemos a amar Jesus, mais capazes somos de amar como Ele.

A Igreja nasce e vive dessa amizade com Cristo. Nela, encontramos irmãos que nos ajudam a seguir em frente. Todos precisamos que alguém nos escute, nos anime quando nos faltam forças ou, simplesmente, permaneça ao nosso lado. Por isso, não penseis que tendes de vos mostrar sempre fortes, especialmente aqueles que coordenais grupos ou acompanhais os outros. Deixai-vos cuidar. Lembrai-vos de que também Jesus, no Getsémani, quis ter os seus amigos por perto na hora da angústia (cf. *Mt* 26, 38). Não tenhais medo de lhes confiar os vossos sofrimentos e de procurar neles o apoio de que necessitais.

Há um último pormenor do Evangelho que gostaria de mencionar. Depois daquele encontro, André foi à procura do seu irmão Simão para lhe dizer: «Encontrámos o Messias!» (*Jo* 1, 41) e levou-o a conhecer Jesus. Fazei o mesmo! Pensai especialmente naqueles que estão a passar por momentos difíceis. Um gesto de amizade pode mudar o rumo de uma vida. Não tenhais medo de falar de Jesus e de mostrar, com a vossa vida, quanto bem vos faz a amizade com Ele.

Um gesto de amizade pode mudar o rumo de uma vida.

Queridos jovens, escutai o convite de Jesus e ousai segui-lo. Gostaria de vos repetir hoje que o Senhor «não tira nada, Ele dá tudo» (Bento XVI, *Homilia na Santa Missa para a imposição do pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério petrino do Bispo de Roma*, 24 de abril de 2005). Confiai em Cristo! Confiai n'Ele como num verdadeiro amigo, que vos conhece, vos ama e nunca vos abandona. Esta confiança fará crescer a amizade a cada dia. Peçamos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria e dos santos peruanos, que aumente a cada dia esta confiança, que nos ajude a viver com *paixão* a nossa *vocação* e a permanecer sempre na sua *amizade*. Por isso, rezemos juntos uma oração simples que nos ajude a confiar cada vez mais em Jesus. Convido-vos a repetir comigo:

Jesus, eu confio em vós.
Jesus, eu confio em vós.
Jesus, eu confio em vós.
Vinde, Senhor Jesus!
Vinde ao meu coração,
vinde à minha família,
vinde à minha comunidade.
Vinde sem demora à minha vida!
Vinde sem demora, Senhor!

PALAVRAS DO SANTO PADRE DA VARANDA DA NUNCIATURA APOSTÓLICA

> *Tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com, a partir do original espanhol: a versão portuguesa oficial não estava disponível em vatican.va.*

Boa noite. Muito obrigado por esta presença tão bela, por este entusiasmo, porque todos procuramos estar sempre unidos em Jesus Cristo. Vamos pedir a bênção de Deus sobre todos vós, para que nos ajude a ser sempre

fiéis, a abrir o nosso coração, a saber escutar a sua palavra e, sobretudo, a estar unidos como irmãs e irmãos em Cristo.

O Senhor esteja convosco. Bendito seja o nome do Senhor.

O nosso auxílio está no nome do Senhor.

E a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós.

Muito obrigado. Boa noite.

A CHAVE AGOSTINIANA

O meu amor é o meu peso

> **O meu peso é o meu amor; por ele sou levado para onde quer que seja levado.**
>
> Santo Agostinho, Confissões, XIII, 9, 10

O Papa convida os jovens a perguntarem-se o que procuram e a apaixonarem-se pelo que é verdadeiro, bom e belo. Agostinho mostra que o que amamos orienta toda a vida, e que o amor a Cristo, o amigo que chama, dá a essa paixão a sua direção.

06

NUNCIATURA APOSTÓLICA · LIMA

SAUDAÇÃO

Com o mesmo espírito de alegria

Palavras de saudação da varanda da Nunciatura Apostólica

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

> **O meu agradecimento ao Senhor por tantas bênçãos, pela fé, pela vida, pelo respeito da dignidade humana de cada um.**

Tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com, a partir do original espanhol: a versão portuguesa oficial não estava disponível em vatican.va.

Bom dia, bom dia, bom dia.

Uma breve saudação, antes de partir para a próxima etapa desta viagem apostólica. Perdão, estou a falar italiano; aqui em casa fala-se italiano.

“

Perdão, estou a falar italiano; aqui em casa fala-se italiano.

Bom dia. Pois bem, neste belo dia, já prontos para viajar para o próximo lugar da visita. Agora vou a Chiclayo. E queremos continuar com esse mesmo espírito de alegria. O meu agradecimento ao Senhor por tantas bênçãos, pela fé, pela vida, pelo respeito da dignidade humana de cada um. Vivendo esta unidade, como a estamos a viver aqui em Lima nestes dias.

Que o Senhor vos abençoe a todos, que a sua presença convosco, nos vossos corações, nas vossas famílias, esteja viva desde sempre e sempre com muita esperança, e que continuemos a trabalhar todos os dias.

O Senhor esteja convosco. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós.

Feliz dia, muito obrigado.

07

PAMPAS DE PIMENTEL · CHICLAYO

HOMILIA

A missão não se improvisa

Santa Missa nas Pampas de Pimentel

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

> **Portanto, evangelizar não é impor doutrinas nem confiar em estruturas eficazes, mas dar testemunho desse encontro real com Jesus Cristo.**

Queridos irmãos e irmãs,

Que alegria voltar a Chiclayo! É uma bênção para mim estar novamente convosco. Obrigado pelo vosso carinho, apoio e orações, em particular pela minha saúde neste momento de provação que, com a ajuda de Deus, estou a superar. Ao ver os vossos rostos, surge-me espontaneamente uma oração de ação de graças ao Senhor pelas bênçãos que vós tende sido e continuais a ser na minha vida e no meu ministério episcopal. Tenho-vos sempre muito presente nas minhas orações. Peço-vos também que continueis a rezar por mim, para que Nosso Senhor Jesus Cristo me conceda a graça de continuar a confirmar os meus irmãos na fé.

A liturgia de hoje convida-nos a voltar o olhar para o dever urgente e ineludível de todo batizado: o anúncio do Evangelho. E, ao mesmo tempo, dá-nos a oportunidade de crescer na consciência de que todos os cristãos, ministros ordenados e fiéis leigos, somos discípulos missionários, não importando a nossa função na Igreja nem o grau de conhecimento da fé que tenhamos. Na Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, o Papa São Paulo VI recordou que nenhum batizado pode permanecer indiferente à tarefa da evangelização, pois esta constitui a missão essencial da Igreja, a sua vocação mais profunda e a sua razão de ser.

Na sua sabedoria, Deus quis que a Igreja fosse "como um sacramento universal de salvação" (cf. Const. dogm. *Lumen gentium* 1; 48). Sustentada pelo Espírito Santo, a Igreja leva a cabo a missão de anunciar Jesus Cristo, para que, na obediência ao mandato missionário d'Ele recebido (cf. *Mt* 28, 19-20), a sua obra redentora chegue aos confins da terra e transforme as realidades humanas segundo os valores do Evangelho.

O anúncio de Jesus Cristo é uma tarefa crucial; perante ela, sentimo-nos frequentemente inadequados. Como discípulos missionários do século XXI, como podemos anunciá-lo hoje? Enquanto família, comunidade paroquial ou comunidade diocesana, como podemos levar por diante a missão de evangelizar? A resposta a estas perguntas é: por meio do testemunho de uma vida autenticamente cristã e coerente. Em primeiro lugar, colocando Jesus Cristo no centro, tanto do anúncio como da nossa existência. Em seguida, a coerência: não podemos considerá-la apenas como fruto da nossa própria vontade, mas também como uma graça que

devemos implorar ao Senhor e que somos chamados a apoiar com o nosso empenho e esforço pessoal. Porque somente Ele tem o poder de transformar nossas vidas, renovando em nós o ímpeto de anunciar e transmitir a fé e ajudando, assim, os irmãos e as irmãs que encontramos ao longo de nossa peregrinação a estabelecer uma relação pessoal com Cristo, para descobrirem a alegria do Evangelho.

O encontro pessoal com Jesus Cristo – dom que não nos é negado – tem o seu centro de gravidade na Última Ceia, quando Ele, ao oferecer o seu corpo como pão da vida e o seu sangue como bebida da salvação (cf. *Mt* 26, 26-28), pede ao Pai que todos os seus discípulos sejam um, para que o mundo acredite (cf. *Jo* 17, 21). O Senhor espera-nos, sobretudo, na Eucaristia e na Palavra, as duas mesas das quais vivemos e nos alimentamos. Mas Ele também vem ao nosso encontro na comunhão eclesial e no acolhimento fraterno do nosso próximo, em quem se torna presente e necessitado. Portanto, evangelizar não é impor doutrinas nem confiar em estruturas eficazes, mas dar testemunho desse encontro real com Jesus Cristo.

A evangelização, com efeito, centra-se no testemunho de vida e na proximidade comunitária. Sem o testemunho, não é possível o anúncio explícito de Jesus Cristo. Como nos recordava o Papa Francisco, a evangelização assenta na fé e na «beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 36), e não em discursos persuasivos de mera sabedoria humana nem no proselitismo (cf. *1 Cor* 2, 1-5). Além disso, ela é uma tarefa marcada pelo júbilo, uma vez que a alegria do Evangelho se renova quando o compartilhamos.

Da nossa parte, a transmissão alegre e vivificante da mensagem de salvação implica uma atitude de humildade e solicitude, bem como um profundo respeito pela consciência e liberdade de cada pessoa. Para tal fim, pode ser-nos útil retomar, sobretudo nos lares, a “oração partilhada”, tendo presente que as famílias cristãs constituem o núcleo fundamental da missão, pois, enquanto “pequenas Igrejas domésticas”, levam os seus membros a participar ativamente na vida das comunidades locais, da grande comunidade da Igreja universal e de toda a sociedade.

Neste sentido, a leitura da Segunda Carta de João, que acabámos de escutar, ajuda-nos também a refletir sobre como a dimensão da caridade é indispensável para evangelizar: a proclamação da fé está intimamente ligada à caridade e à ajuda aos mais necessitados. Nessa carta, João faz um apelo urgente ao amor fraterno: para um batizado, o amor ao próximo é o cerne da mensagem cristã; o mandamento recebido «desde o princípio» (2 *Jo* 1, 5). Um amor prático, empenhado e respeitoso que evidencia, além disso, o vínculo indissolúvel entre o anúncio evangélico e a busca da transformação das estruturas da convivência humana (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 30).

Ao mesmo tempo, a caridade é indissociável da verdade, que não consiste numa teoria, numa ideia abstrata ou numa utopia, mas numa pessoa, Jesus Cristo, que nos convida a moldar as nossas vidas à sua, em fiel obediência aos seus mandamentos. A harmonia entre caridade e verdade exorta-nos a fazer com que a nossa fé seja concreta, ao difundir o perfume da santidade com renovada alegria. Recordemos que, sem a verdade, o amor cai no mero sentimentalismo; e a verdade sem amor torna-se rígida e fria (cf. Bento XIV, Carta enc. *Caritas in veritate*, 3).

Por isso, para a transmissão da fé, a evangelização atual deve enfrentar condições e dinâmicas que estão em constante mudança. Em algumas regiões do mundo, esta transmissão foi quase totalmente interrompida. Esta situação exige de todos nós a coragem de encarar novos desafios, como a indiferença religiosa, o materialismo ou o egoísmo, que determinam as decisões do dia a dia. Este compromisso chama-nos a manter a harmonia entre um coração cheio de amor a Deus e ao próximo e uma mente ancorada na verdade do Evangelho.

Queridos amigos, a missão não se improvisa. Anunciamos o que encontrámos; mais ainda, a salvação que experimentámos, o perdão dos pecados que nos foi concedido e a descoberta do autêntico sentido da vida, porque «cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 120).

Queridos amigos, a missão não se improvisa.

Rogo ao Senhor que este amor inflame a vida de cada um de nós para que, como batizados e como comunidade cristã, saíamos ao mundo para contagiar os outros com a alegria que nasce do encontro com o Senhor ressuscitado, tornando-a presente no seio das nossas famílias; nos locais de trabalho, através bom desempenho da nossa atividade profissional; na esfera pública, resistindo à tentação de relegar a fé para a esfera somente individual. Neste compromisso apostólico, a Igreja ajuda-nos a tomar consciência de que, como pedras vivas, temos uma responsabilidade comum na construção do templo de Deus (cf. *1 Pe* 2, 5).

Queridos irmãos e irmãs, o mundo espera por nós e a missão está apenas no início. Por isso, já nesta primeira celebração do nosso reencontro diante do altar do Senhor, convido-vos – aqui em Chiclayo e em todo o Peru – a assumir o compromisso de partilhar a esperança viva que é Jesus Cristo, e a "transbordar" de Evangelho os nossos povoados, as vilas e as cidades, proclamando a todos a "glória do Senhor". Que a intercessão de Nossa Senhora da Evangelização nos ajude na missão de anunciar a Boa Nova a toda a criação (cf. *Mc* 16, 15). Assim seja.

Queridos irmãos e irmãs, o mundo espera por nós e a missão está apenas no início.

08

CAPELA SÃO ÓSCAR A. ROMERO · CHICLAYO

SAUDAÇÃO

Jesus caminha sempre connosco

Visita privada à capela São Óscar A. Romero

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

> **Jesus Cristo veio para nos dar a salvação e, morrendo na cruz, deu a sua vida para que pudéssemos ser salvos e obter a vida eterna.**

Queridos irmãos, queridas irmãs,

Desejo uma boa tarde a Dom Edinson, Bispo desta querida Diocese de Chiclayo, ao padre Alonso, pároco da Paróquia de São José Operário, e a todos os membros desta comunidade da Capela de São Óscar Romero.

É verdadeiramente muito bom e uma bênção de Deus estar aqui convosco. Estou muito grato a Deus e também a todos aqueles – tantos aqui presentes – que colaboraram para tornar realidade o sonho desta nova capela dedicada a São Óscar Romero. Obrigado a todos os que participaram neste projeto.

Ao mesmo tempo, agradeço a toda a comunidade pelas orações em favor da minha saúde. Como sabeis, há apenas um mês tive de ser operado, e Deus tem sido maravilhoso com a sua graça. Sei que as vossas orações, e as de muitas outras pessoas, ajudaram este servo a recuperar-se e a estar aqui hoje convosco. Muito obrigado!

“

Como sabeis, há apenas um mês tive de ser operado, e Deus tem sido maravilhoso com a sua graça.

Jesus Cristo veio para nos dar a salvação e, morrendo na cruz, deu a sua vida para que pudéssemos ser salvos e obter a vida eterna. Convida-nos, porém, a viver a experiência de fazer parte da sua Igreja, a ser todos irmãs e irmãos, unidos na Igreja, para continuar a missão que Ele iniciou e que deseja que nós continuemos. Convoca, ainda, todos os batizados, cada um segundo a sua vocação – Bispos, sacerdotes, consagrados e também fiéis leigos – a participarem na comunhão que é a Igreja, para anunciar a Boa Nova, partilhar a nossa fé e continuar a transmitir uns aos outros o amor de Deus, de geração em geração, entre vizinhos, entre familiares. Em suma, compartilhar esta grande notícia de que Jesus caminha sempre conosco.

Foi possível encaixar a breve visita de hoje no meio de tantas outras coisas; era algo que eu realmente queria fazer, para ser um sinal desta proximidade, deste desejo de formar uma comunidade e colaborar, cooperar sempre, trabalhando em conjunto para dar continuidade à missão da Igreja.

Rezemos. Convido a todos a se levantarem para rezarmos a oração que Jesus nos ensinou. E, com toda a humildade, invoco a bênção de Deus sobre cada um de vós, sobre as vossas famílias e sobre todos os que vos são queridos, pois cremos e sabemos que Jesus Cristo está presente entre nós.

Oremos: *“Pai nosso...”*

[Bênção]

Viva Jesus Cristo!

09

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA PAZ · CHICLAYO

DISCURSO

Não há missão sem comunhão

Encontro com bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas, seminaristas, equipas sinodais e conselhos pastorais

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

> **Antes de qualquer serviço, cargo, profissão ou ministério, somos batizados. A nossa identidade primordial é a de filhos e filhas de Deus e membros do seu Povo.**

Boa tarde a todos! Obrigado pelas boas-vindas!

Agradeço a Dom Edinson as palavras que me dirigiu em nome de todos, bem como pelos testemunhos que ouvimos.

A minha cordial saudação dirige-se a quantos estão aqui presentes: sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas, seminaristas, equipas sinodais, conselhos pastorais e todos os irmãos vindos das paróquias da Diocese de Chiclayo e de várias regiões do Peru. E creio que vieram também alguns do Equador. Sede bem-vindos! Sede bem-vindos a este encontro. Obrigado pela vossa presença neste santuário dedicado a Maria, nossa Mãe, sob a invocação de Nossa Senhora da Paz.

Queridos irmãos e irmãs, ao estar hoje entre vós como Sucessor do apóstolo São Pedro, sinto ainda mais forte o vínculo que nos une em Cristo e no seu Corpo, que é a Igreja, mistério de comunhão, povo de Deus a caminho ao longo da história. Vós mesmos expressais muito bem a riqueza deste Povo, na variedade de carismas e ministérios. A sinodalidade, promovida com grande entusiasmo pelo Papa Francisco, é uma dimensão integrante da Igreja e significa caminhar juntos, escutar, discernir e participar de forma corresponsável na missão. Perguntamo-nos, então: como podemos ser uma Igreja mais sinodal e missionária?

Na base de tudo está o nosso vínculo com Cristo, que tem as suas raízes no Batismo. Todos sabemos que o fundamento da identidade cristã é o Batismo. Por ele, fomos incorporados a Cristo, feitos filhos de Deus, membros da Igreja Católica e participantes na sua missão. Antes de qualquer serviço, cargo, profissão ou ministério, somos batizados. A nossa identidade primordial é a de filhos e filhas de Deus e membros do seu Povo. Como batizados, participamos todos do sacerdócio de Cristo e da sua missão profética; por isso, toda a comunidade é corresponsável na evangelização. O Batismo é uma vocação permanente a escutar a Palavra, celebrar a fé, viver a caridade, participar na comunidade, anunciar o Evangelho e servir especialmente os pobres e excluídos.

O primeiro testemunho que as comunidades cristãs devem dar é o do amor fraterno entre os seus membros, reflexo da Santíssima Trindade (cf. *Jo* 13, 34-35; 17, 22-23). Não há missão sem comunhão.

Não há missão sem comunhão.

A comunhão da Igreja, que faz dela sinal e instrumento da união com Deus e da unidade do género humano (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 1), não é uniformidade. A autêntica comunhão valoriza como uma riqueza a diversidade de culturas, vocações, carismas e ministérios, e promove-os. Nesta linha, a autoridade no seio da Igreja deve ser exercida como serviço, discernimento e valorização dos carismas ou das iniciativas, pois a participação dos leigos não é uma concessão, mas uma expressão da sua dignidade batismal. Por outro lado, uma Igreja sinodal partilha as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias da humanidade, especialmente dos pobres e daqueles que sofrem, como ensina o Concílio Vaticano II (cf. Const. past. *Gaudium et spes*, 1). Escutar a realidade social e cultural, defender a dignidade humana, acompanhar as famílias, os jovens, os migrantes, os povos indígenas, as pessoas em situação de pobreza, e comprometer-se com a justiça, a paz e o bem comum não são tarefas opcionais, são exigências da nossa missão eclesial.

A autêntica comunhão valoriza como uma riqueza a diversidade de culturas, vocações, carismas e ministérios, e promove-os.

"Sinodalidade" expressa a ideia de caminhar juntos. É uma dimensão constitutiva da Igreja, que manifesta o Povo de Deus a caminho e a assembleia convocada pelo Senhor ressuscitado. Irmãos e irmãs, encorajo-vos a descobrir cada vez mais a beleza de ser comunidades sinodais. Como? Procurando que cada um dê o seu próprio contributo,

como pedras vivas de um edifício espiritual (cf. *1 Pe* 2,4-5), de acordo com as diversas vocações e os múltiplos dons e ministérios animados pelo único Espírito Santo (cf. *1 Co* 12,1-31).

Isto requer uma espiritualidade fundamentada na oração, na escuta da Palavra, na participação na Santa Missa, na adoração eucarística, no diálogo fraterno e no discernimento comunitário. Trata-se de um estilo de vida comunitário e pastoral que deve ser interiorizado para que possa ser posto em prática de forma coerente. Na verdade, é fácil falar de sinodalidade, mas pô-la em prática é um desafio que exige de todos rever as suas atitudes e comportamentos, a começar pelos pastores, os primeiros servidores da comunidade.

“Na verdade, é fácil falar de sinodalidade, mas pô-la em prática é um desafio que exige de todos rever as suas atitudes e comportamentos, a começar pelos pastores, os primeiros servidores da comunidade.

Para que as dioceses e as paróquias possam adotar este estilo sinodal de comunhão, participação e missão, vale a pena revitalizar o papel dos conselhos pastorais, nos quais alguns de vós aqui presentes estais envolvidos. Embora o vosso voto seja consultivo, a vossa importância eclesial é grande: ajudais a escutar a comunidade, a conhecer a realidade, a discernir prioridades e a formular respostas mais adequadas. Por isso, exorto-vos a garantir que cada comunidade possa contar com o próprio conselho pastoral, cujos membros se comprometam também a receber uma formação adequada.

Queridos amigos e amigas, por fim, gostaria de agradecer a cada um de vós pela vossa generosa entrega à causa do Evangelho. Encorajo-vos a perseverar nesta missão. Que Nossa Senhora da Paz abençoe os vossos

esforços para que o Reino de Deus se enraíze nesta região nortenha e dê muitos frutos para a glória de Deus e o bem das almas. Muito obrigado.

Vamos agora entrar novamente em espírito de oração, tão importante na nossa vida.

Para permanecermos sempre unidos a Cristo, devemos viver esta dimensão da oração, quer sejamos bispos, sacerdotes, consagrados, consagradas ou leigos. Por isso, rezemos juntos com as palavras que o próprio Jesus nos ensinou.

10

UNIVERSIDADE CATÓLICA SANTO TORIBIO DE MOGROVEJO · CHICLAYO

DISCURSO

O limite, condição de grandeza

Encontro com o mundo universitário

SEXTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO

> **Perante esta miragem, a antropologia cristã recorda que o limite não é um defeito de fábrica, mas sim a condição da grandeza humana.**

Irmãos no Episcopado,
Ilustres Autoridades académicas,
Doutora Patricia Campos, Reitora desta Universidade,
Distintas Autoridades políticas e civis,
Estimados professores, investigadores e pessoal administrativo,
Meus queridos estudantes,

É para mim uma grande alegria regressar a Chiclayo e encontrar-vos neste claustro da USAT (Universidade Católica *São Toríbio de Mogrovejo*). Em primeiro lugar, agradeço ao Senhor, Deus da vida, pelos anos que me permitiu viver na missão, ao serviço do povo peruano. Em segundo lugar, agradeço a todos vós, porque, durante os meus anos como Magno Chanceler desta instituição, me ajudastes a compreender que a autoridade é serviço, que governar é saber escutar e que a educação é um nobre ato de esperança.

“Em segundo lugar, agradeço a todos vós, porque, durante os meus anos como Magno Chanceler desta instituição, me ajudastes a compreender que a autoridade é serviço, que governar é saber escutar e que a educação é um nobre ato de esperança.

Este encontro convida-nos a recordar o perene legado do padroeiro desta Universidade, São Toríbio de Mogrovejo: célebre jurista e Arcebispo de Lima, que fez da sua própria vida uma cátedra de sabedoria, caridade e justiça. A fé que pregou e a ciência que ensinou devem continuar a ser a bússola que orienta a investigação nestas salas de aula. A Universidade, e em particular a católica, é uma comunidade viva onde a busca da verdade

se torna um ato de amor e de serviço à grande família humana (cf. São João Paulo II, Const. ap. *Ex corde Ecclesiae*, 1-2). Implicando-vos a vós, queridos jovens, como protagonistas, a qualidade da formação académica mede-se, principalmente, pela capacidade de vos tornar mulheres e homens sábios, honestos e maduros.

Vós sabeis que estamos a atravessar complexas mudanças culturais. Neste cenário, a Universidade é chamada a ser uma forja de talentos e um laboratório de sentido: um espaço onde a inteligência não se submeta à utilidade, mas sirva com fidelidade a verdade. Acima de tudo, a Verdade com maiúscula, que é Cristo, o Salvador do mundo. Desta forma, a Universidade Católica trabalha pela fecundidade do encontro entre fé e razão, entre religião e ciência: dialogando com humildade, investigando com rigor e procurando sempre o bem comum. Este estilo académico liberta-nos da tentação de apenas formar mão-de-obra qualificada para um mercado exclusivo e altamente competitivo.

“Neste cenário, a Universidade é chamada a ser uma forja de talentos e um laboratório de sentido: um espaço onde a inteligência não se submeta à utilidade, mas sirva com fidelidade a verdade.

Efetivamente, um progresso indiferente à justiça e à dignidade dos trabalhadores transforma-se num mecanismo de opressão e exclusão. A Universidade Católica tem, por isso, o dever de recordar, no espaço público e político, que a ciência sem consciência arruína a vida de todos. Do mesmo modo, a tecnologia sem alma não melhora realmente a vida: no entanto, uma educação humanista e cristã, sustenta a nossa capacidade de tecer relações fraternas duradouras, para que possamos atravessar a era digital, passando da mera conexão a relações autênticas que tendam à comunhão. Queridos amigos, a tecnologia nem sempre é neutra: as suas

formas, por vezes, trazem consigo a marca, os interesses e as ambições de quem a projeta e controla. Por isso, é necessário estudá-la com mente limpa e coração puro.

> **A Universidade Católica tem, por isso, o dever de recordar, no espaço público e político, que a ciência sem consciência arruína a vida de todos.**

O risco mais letal é o da submissão ao paradigma tecnocrático, que reduz a realidade a dados materiais, tendo como valor supremo a eficiência. Tanto os professores como os estudantes são chamados a exercer o sentido crítico: procurai sempre aquela sabedoria que nem as máquinas nem os programas informáticos podem ter. Só assim o progresso tecnológico estará ao serviço do nosso desenvolvimento integral, salvaguardando a dignidade de cada pessoa e promovendo o bem comum.

Diante desta missão, o exemplo de São Toríbio de Mogrovejo ilumina-nos o caminho. No seu tempo, quando os povos indígenas eram frequentemente submetidos à exploração e à discriminação, ele defendeu, com vigor evangélico, a sua dignidade humana. São Toríbio aprendeu as línguas das pessoas a quem servia, anunciando o Evangelho na sua cultura e escrevendo para elas um catecismo, que foi um dos primeiros da América em línguas nativas. A sua obra pastoral atesta como a lógica da encarnação continua a dar frutos em todos os tempos e lugares, por meio da missão da Igreja. A grande obra cultural de São Toríbio nestas terras continua a incentivar-nos. Na verdade, hoje em dia, os desertos já não são apenas as extensões áridas de Lambayeque, que o santo pastor atravessou a cavalo: são os novos analfabetismos morais e civis que excluem os pobres. Uma Universidade moldada segundo o seu exemplo é chamada a utilizar a inovação científica para reduzir as distâncias sociais e curar as feridas da sociedade.

Desta forma, queridos professores e estudantes, refletimos agora sobre um ponto nevrálgico do pensamento contemporâneo: o limite humano, ou seja, o homem como limite. Hoje multiplicam-se as promessas do transumanismo e do pós-humanismo: são correntes ideológicas segundo as quais – mais cedo ou mais tarde – a tecnologia eliminará todas as doenças ou dores, bem como o envelhecimento e até a própria morte. Precisamente porque o progresso das ciências é um fruto excelente da inteligência humana, não deve ser confundido com um privilégio para milionários que pretendem a imortalidade, enquanto povos inteiros sofrem miséria e opressão. Vende-se-nos, deste modo, a ilusão de seres humanos otimizados pela cibernética e pela biotecnologia. Perante esta miragem, a antropologia cristã recorda que o limite não é um defeito de fábrica, mas sim a condição da grandeza humana.

Na verdade, o limite é um apelo à solidariedade e à abertura à transcendência. Enquanto o mito da autossuficiência nos aprisiona no egoísmo e nos leva a descartar os mais fracos, o reconhecimento da nossa fragilidade faz-nos estar atentos às necessidades de todos. São Toríbio de Mogrovejo experimentou o limite físico nas suas viagens extenuantes: adoeceu, sofreu com o cansaço e com a incompreensão dos poderosos. Pois foi precisamente através duma vida tão provada que transformou a história eclesial e social de todo um país. Hoje, cabe-nos a nós renovar o seu exemplo!

Queridos jovens estudantes: vós sois os “nativos” deste novo tempo. Acolhei as oportunidades que ele vos oferece, contemplai-as à luz da fé, que é uma tocha na confusão e nas trevas da solidão, do tédio e da dor. Foi o que nos disse com grande sinceridade a Ângela, mostrando que a fé dá sempre esperança. Não engana como a magia, que pretende fazer desaparecer qualquer problema. A relação viva com Deus conforta-nos, dando sentido às nossas cruzes, que o Senhor Jesus carrega conosco. Esta é a forma de viver a fé como virtude, ou seja, como força que dá sabedoria e vigor, que nos conduz ao essencial, tal como contou o Adriano. Tanto a oração como o estudo transformam a nossa mente a ponto de mudar a vida. Assim, a verdade torna-se uma escolha, e tanto a oração como o estudo passam da reflexão à ação: ambos se tornam uma tarefa que procura e encontra alegria em qualquer fase da vida.

> **Tanto a oração como o estudo transformam a nossa mente a ponto de mudar a vida.**

A este respeito, a professora Guzmán partilhou conosco uma palavra muito profunda: *sacrifício*. Na linguagem comum, este termo indica renúncia, porém, acima de tudo, significa *tornar sagrado*: um gesto através do qual toda a nossa existência, mesmo aquilo que o mundo elimina, adquire valor. Unidos ao sacrifício de Cristo, que revela o sentido autêntico desta experiência, abramos a nossa vida, com as suas fadigas e esperanças à obra de Deus. Ele transforma sempre em bem aquilo que colocamos nas suas mãos de Pai.

> **Na linguagem comum, este termo indica renúncia, porém, acima de tudo, significa tornar sagrado: um gesto através do qual toda a nossa existência, mesmo aquilo que o mundo elimina, adquire valor.**

Queridos professores e autoridades académicas, procurai descobrir com espanto e paixão que o vosso trabalho é uma elevada expressão de caridade intelectual. Ao acompanhardes estes jovens durante as aulas e as investigações, dai a cada um deles um testemunho coerente de vida: comportai-vos como pensadores que são livres, para os quais a verdade precede a opinião e a justiça precede o interesse. Envolvendo os estudantes, procurai a sabedoria com tenacidade, para poderdes partilhá-la nos ambientes da vossa vida, entre os vossos colegas e com a sociedade peruana. Ao cultivardes as vossas competências científicas,

traduzi-as em obras de justiça social, especialmente em benefício dos mais pobres e no cuidado da criação, hoje tão ferida por especulações que desprezam o bem do povo.

Queridos amigos, encorajo-vos a prosseguir com renovado impulso no vosso empenho educativo. Por isso, invoco sobre todos vós, e sobre o vosso trabalho, a intercessão da Virgem Maria, *Sedes Sapientiae*. Ela, que acolheu no seu seio o Verbo eterno, vos ensine a percorrer este tempo com coragem e fé. Que Deus vos abençoe sempre!

SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE AOS VOLUNTÁRIOS NO COLÉGIO DE SÃO TORÍBIO DE MOGROVEJO

Muito obrigado!

Por tudo o que tendes feito, há apenas uma palavra que vos quero dizer: obrigado, obrigado, obrigado! Dedicastes o vosso tempo e as vossas energias e, no caso de alguns, fizestes grandes sacrifícios, colaborando com muitos outros voluntários e tantas outras pessoas na organização, para que a visita deste servo pudesse realizar-se.

Repito: obrigado! Vós sois fantásticos! Um aplauso para todos vós! Jesus veio ensinar-nos muitas coisas, mas uma das mais importantes é, precisamente, aprender a servir, a dar a vida ao serviço dos outros. Não pensar apenas em si mesmo, mas procurar formas de colocar os dons que cada um recebeu ao serviço dos outros.

Nestes dias, talvez em condições nem sempre fáceis, dedicastes o vosso tempo e os vossos esforços a ajudar, e ajudar muito. Por isso, sabei que estais nas minhas orações. Nesse sentido, estais verdadeiramente no coração da Igreja, e o serviço que prestais é grande e muito importante.

Convido-vos a levantar, pois vamos rezar.

Dar-vos-ei a bênção e, depois, aproximar-me-ei para tirar algumas fotografias. Permanecei nos vossos lugares.

Para qualquer cristão, a oração é sempre muito importante. Rezemos juntos como Jesus nos ensinou.

(Pai nosso)

E a Maria, a Nossa Mãe, digamos:

(Ave Maria)

(Bênção Apostólica)

Muito obrigado!

A CHAVE AGOSTINIANA

Crê para entender

> **A inteligência é a recompensa da fé. Por isso, não procures entender para crer, mas crê para entender.**
>
> Santo Agostinho, Sermão 43, 7, 9

Perante os universitários, o Papa fala do encontro entre fé e razão e da fé como tocha que dá sabedoria e leva ao essencial. Agostinho diz o mesmo: a fé não estorva a inteligência, mas ilumina-a e leva-a à sua plenitude.

11

CATEDRAL DE SANTA MARIA · CHICLAYO

HOMILIA

Luz para um mundo nas trevas

Rito de coroação da Virgem Imaculada

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO

> **Sim, um menino indefeso é a resposta que Deus dá à humanidade mergulhada nas trevas, mas ansiosa por unidade e reconciliação.**

Queridos irmãos e irmãs,

Com o coração cheio de alegria, dou graças a Deus por estar hoje convosco, celebrando juntos a nossa fé, como já fizemos tantas vezes nesta catedral, que testemunhou os primeiros passos do meu ministério episcopal, ao serviço da Diocese de Chiclayo. Com sentimentos de gratidão pelos anos que o Senhor nos concedeu para caminharmos juntos, disponho-me agora, como Sucessor de Pedro, a realizar a coroação da nossa bela imagem da Imaculada Virgem Maria. Este gesto tem um significado especial, pois a coroa que colocarei sobre a cabeça de Nossa Senhora pretende simbolizar a homenagem de gratidão e amor filial que, convosco e com toda a Igreja, o Papa lhe presta, reconhecendo-a como Mãe solícita e Protetora de Chiclayo, exaltada por Deus como Rainha do Céu e da Terra.

Tal como ouvimos na leitura de Isaías, também hoje as trevas continuam à espreita e parecem envolver-nos por completo. Sentimo-nos ameaçados pela incerteza da violência generalizada, pelo sofrimento indescritível que continua a atingir tantos irmãos. Mas, apesar dessa escuridão, que muitas vezes obscurece a nossa esperança e enfraquece a nossa confiança, o dom de Deus continua a brilhar diante dos nossos olhos: «Um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado» (*Is* 9, 5). Este Menino é Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria. Sim, um menino indefeso é a resposta que Deus dá à humanidade mergulhada nas trevas, mas ansiosa por unidade e reconciliação. Só Ele é a luz que ilumina os recantos mais escondidos da existência humana; a única luz capaz de nos resgatar do pecado e de anular as suas consequências funestas na nossa vida pessoal e comunitária. Ele revela-nos o que somos verdadeiramente: filhos e filhas de Deus, convidados a participar na alegria da sua salvação, no regozijo de nos sabermos irmãos e irmãs.

É com razão que invocamos a Virgem Imaculada como “causa da nossa alegria”, pois, graças ao “sim” com que respondeu ao anúncio do Anjo (cf. *Lc* 1, 38), Deus faz-se homem, entra na história do nosso mundo e, renovando todas as coisas pela sua obediência ao Pai (cf. *Ap* 21,5), resgata-nos da tragédia do pecado e revela-nos o destino de eternidade para o qual todos os homens e mulheres são chamados.

Meus queridos filhos e filhas desta amada terra de Chiclayo, a devoção à Virgem Imaculada faz parte das raízes cristãs que moldam a vossa identidade e fortalecem a vossa fé. A Mãe de Deus, com carinho e amor, acompanhou este povo ao longo de gerações e continua a acompanhá-lo. Por isso, confiando na sua intercessão e proteção, convido-vos a que continuemos a caminhar todos juntos, como uma única família de Deus. Uma família que anseia por um mundo cuja marca distintiva seja o amor e a compaixão, o perdão e a busca da justiça. Uma família que tem a certeza de que Maria Santíssima nos indica sempre o caminho seguro que nos leva a Jesus, fonte de vida abundante e de verdade que nos oferece sempre novas oportunidades.



Meus queridos filhos e filhas desta amada terra de Chiclayo, a devoção à Virgem Imaculada faz parte das raízes cristãs que moldam a vossa identidade e fortalecem a vossa fé.

A vós, nossa Mãe Imaculada, elevo hoje o meu olhar e o meu coração com carinho filial. Ao vosso lado, aprendi a ser pastor de Chiclayo. Acompanhastes-me pelas suas aldeias e cidades, ensinastes-me a encontrar este povo e a estar atento às suas necessidades, tal como fizestes nas Bodas de Caná. Ao vosso Coração Imaculado confio hoje a minha vida e o meu ministério como Sucessor de Pedro. Peço-vos também que cuideis e protejais o Povo de Deus que peregrina nestas terras e que o guieis sempre para o vosso Filho Jesus Cristo.

Ao vosso lado, aprendi a ser pastor de Chiclayo. Acompanhastes-me pelas suas aldeias e cidades, ensinastes-me a encontrar este povo e a estar atento às suas necessidades, tal como fizestes nas Bodas de Caná.

Queridos irmãos e irmãs, antes de concluir, e até que nos voltemos a encontrar, gostaria que nos uníssemos e partilhássemos juntos esta oração à nossa Mãe celestial:

Santa Maria, cheia da presença de Deus,
que, durante vossa vida terrena, obedecestes humildemente
à vontade do Pai, dando-nos exemplo de simplicidade,
vos suplicamos que continueis a caminhar conosco,
e que o vosso coração maternal nos alcance, de vosso Filho Jesus Cristo,
o dom de escutar com docilidade o Espírito Santo,
para nos dispormos, com a ajuda da Sua graça,
a segui-Lo com fidelidade,
sendo construtores de paz e reconciliação,
servidores do Reino de Deus e dos irmãos. Amén.

12

SANTA CRUZ DE SUCCHABAMBA

HOMILIA

Através da cruz vê-se o céu

Santa Missa em Santa Cruz de Succhabamba

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO

> **Quando a alma vagueia sem rumo, Ele é o caminho. Quando faltam as forças, Ele é o alimento. Quando surge o desânimo, é Ele quem reacende a esperança.**

SAUDAÇÃO ESPONTÂNEA AOS FIÉIS REUNIDOS NA PARÓQUIA DA IMACULADA EM SANTA CRUZ DE SUCCHABAMBA

> *Tradução não oficial da Redação de AgustinosConElPapa.com, a partir do original espanhol: a versão portuguesa oficial não estava disponível em vatican.va.*

Irmãs e irmãos:

Com quanta alegria, mais uma vez, me encontro convosco aqui em Santa Cruz. É como um sonho muito grande que o Senhor permitiu: que um servidor chegue até aqui, também nesta visita pastoral à Diocese de Chiclayo e a todo o Peru. Estou muito contente por poder encontrar todos vós, os de Santa Cruz e os que vieram de mais longe.

O Senhor, no Batismo, chama-nos a todos a sermos seus discípulos missionários. Desde os mais pequenos até aos maiores. As pessoas que sofrem por causa da doença e por outros motivos também nos dão um belo testemunho da sua fé, com a sua fidelidade e a sua oração. Vós também fazeis parte da Igreja; queremos estar perto de vós. Convidamo-vos a rezar uns pelos outros, por este servidor, por todas as pessoas que precisam da ajuda de Deus. E que assim estejamos sempre unidos. Que caminhemos todos juntos como Povo de Deus, filhos de Deus, filhos do mesmo Pai. Felicidades a todos; dou-vos a bênção e cumprimentarei alguns poucos porque, como sabeis, depois temos a celebração da Santa Missa.

O Senhor esteja convosco.

(Bênção Apostólica)

HOMILIA

Queridos irmãos e irmãs, muito bem-vindos a esta celebração e obrigado Santa Cruz por este acolhimento!

«Este é o dia da vitória do Senhor: cantemos e alegremo-nos nele!» (*Sl* 118, 24). Como tantas vezes fiz, venho nesta Eucaristia partilhar convosco a minha alegria de discípulo e missionário de Cristo. Encontramo-nos em Santa Cruz, no Departamento de Cajamarca, nesta cordilheira dos Andes peruanos, com estas belas colinas, com ravinas, seus vales férteis, numa

terra de raízes andinas, onde floresceu o Império Inca e que é o berço duma profunda fé cristã. Muitos de vós percorrestes longas distâncias para estar aqui. Alguns viestes de comunidades rurais, deixando as vossas famílias, campos e ocupações. O caminho que percorrestes, além de ser uma viagem por trajetos difíceis, é uma peregrinação de fé. Cada passo e cada esforço, com efeito, expressam um único desejo. O único desejo é este: encontrar Jesus – aqui, em Santa Cruz, venerado com a imagem do *Señor del Costado*; viestes para encontrar-se com Cristo, ouvir a sua Palavra, receber o seu Corpo e Sangue e, nutridos por esse alimento, fortalecer-se na esperança.

“O caminho que percorrestes, além de ser uma viagem por trajetos difíceis, é uma peregrinação de fé.

A primeira leitura, retirada da Terceira Carta do Apóstolo São João (cf. *3 Jo* 1, 5-8), apresenta parte das recomendações dirigidas a um cristão chamado Gaio. Depois de sublinhar a sua conhecida benevolência, pede-se-lhe que cuide dos missionários itinerantes e lhes forneça o necessário para a viagem, recordando que, em nome de Cristo, partiram «sem nada receberem dos gentios» (v. 7). O mesmo prodígio repetiu-se, há cinco séculos, entre estas montanhas, testemunhas silenciosas do nascimento das primeiras comunidades cristãs, por obra de missionários que vieram, em repetidas ocasiões, sem provisões nem recomendações, para anunciar o nome de Jesus e o amor do Senhor dos Milagres de Andabamba e sua Mãe Imaculada.

Com a chegada dos primeiros evangelizadores, desde Toríbio de Mogrovejo aos Mártires de Chimbote, a semente do Evangelho nestas terras nunca deixou de germinar e dar frutos, discretamente, longe dos aplausos e dos grandes reconhecimentos. Assim, nos Andes, a fé cresceu simples e genuína, fundamentada na vivência quotidiana dos valores evangélicos e expressa em tradições e festas que unem povos e gerações,

até se transformar num carácter e num estilo de vida em que ninguém se sente jamais sozinho, nem mesmo diante das adversidades. Podemos dizer que a cordialidade e a alegria que caracterizam tantas regiões andinas têm a sua raiz no respeito e amor pelos mandamentos do Senhor (cf. *Sl* 112, 1) e refletem «uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar» (Paulo VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 48). Por isso, o Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, falou da piedade popular como de uma poderosa força de evangelização, na qual «a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se» (n. 123). Ela valoriza as coisas essenciais, como a terra, o trabalho honesto e a família, e oferece um antídoto salutar contra a superficialidade e o consumismo, hoje tão difundidos.

Desejo, por isso, recordar com gratidão os numerosos sacerdotes, religiosos e religiosas missionários que, ao longo dos séculos, se empenharam com generosidade e dedicação na difusão do Reino de Deus nestas colinas. A nossa oração de ação de graças eleva-se também pelos catequistas que, muitas vezes na ausência dos presbíteros e não sem sacrifícios, com frequência cuidam pastoralmente das comunidades, guiando os irmãos e irmãs na celebração da Liturgia da Palavra, preparando-os para os Sacramentos, visitando os doentes e atendendo a diversas necessidades. Rezemos de modo especial por aqueles a quem o Senhor já chamou para junto de si, cuja memória permanece viva nas comunidades. Sem eles, a evangelização teria sido muito difícil nestas regiões remotas. Demos graças ao Senhor por tantos leigos envolvidos de diversas formas no anúncio missionário, tanto aqui como em todo o mundo.

No Evangelho (cf. *Lc* 18, 1-8), ouvimos Jesus falar de uma viúva, símbolo da fragilidade social e da dependência, no contexto cultural da época. A pobre mulher, indefesa e oprimida, implorava insistentemente por justiça a um juiz que, sem temor de Deus nem respeito pelos homens, permanecia indiferente aos seus apelos. Graças unicamente à sua perseverança é que, no final, obteve justiça.

Segundo as palavras de Jesus, a parábola lembra-nos, em primeiro lugar, como é importante rezar sem nunca desanimar. Mas é também um convite a abrir os olhos perante tantas situações dolorosas que nos rodeiam. Infelizmente, ainda hoje a súplica que a viúva dirige ao juiz – «Faz-me

justiça contra o meu adversário» (v. 3) – ressoa sem ser ouvida nos lábios de tantos homens e mulheres. Isto é motivo de grande preocupação, tanto para a Igreja como para a sociedade. Pensemos, por exemplo, nestes lugares, no sofrimento de quem se vê obrigado a abandonar a sua pátria para procurar um futuro melhor, para si e para os seus, nas grandes cidades da costa; ou nas dificuldades de renovação geracional ligadas ao fenómeno da baixa natalidade, que esvaziam as aldeias; ou no desafio da distribuição equitativa dos benefícios provenientes dos recursos da terra.

“

Segundo as palavras de Jesus, a parábola lembra-nos, em primeiro lugar, como é importante rezar sem nunca desanimar.

Face a tantas dificuldades, pode surgir a tentação de ceder ao desânimo, ao ressentimento ou mesmo à violência, mas este nunca será o caminho do progresso e da paz. A viúva da parábola mostra-nos que o egoísmo, a injustiça e a maldade não são vencidos com a brutalidade, mas com a oração, a paciência e a perseverança em denunciar o que não está certo, pedindo com veemência e trabalhando com empenho para que se concretizem as mudanças necessárias, sem nunca perder a confiança em Deus. Assim, tal como acontece no cume do *Cerro Cotorumi*, através da cruz vê-se o céu.

“

Assim, tal como acontece no cume do Cerro Cotorumi, através da cruz vê-se o céu.

O que sustenta a tenacidade da mulher do Evangelho é a fé, como indica a pergunta que conclui o relato de Jesus: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» (v. 8). Existe uma ligação estreita entre fé, oração e ação. Onde há fé, há oração; e onde há oração, há capacidade de compromisso para com os outros. Vós, habitantes destas terras, sabeis bem disso. Apesar das muitas dificuldades, nunca perdestes a confiança em Deus, e com a sua ajuda, nem em vós próprios. É a fé que vos torna grandes nas vossas aspirações e nos vossos projetos. A este respeito, gostaria de elogiar aqueles que, com engenho e espírito empreendedor, se esforçam por fornecer trabalho digno às pessoas: agricultores, comerciantes, pequenos empresários e tantos outros que aqui, dia após dia, empregam os talentos recebidos em benefício das comunidades, contribuindo para promover, através do emprego, autênticos modelos de desenvolvimento humano integral (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 181).

“Existe uma ligação estreita entre fé, oração e ação. Onde há fé, há oração; e onde há oração, há capacidade de compromisso para com os outros.

Queridos irmãos e irmãs, o Senhor conhece os caminhos que percorreis, as fadigas, as preocupações e os desafios que enfrentais; compreende a esperança dos jovens, inspira a sabedoria dos idosos e não vos abandona. Quando a alma vagueia sem rumo, Ele é o caminho. Quando faltam as forças, Ele é o alimento. Quando surge o desânimo, é Ele quem reacende a esperança. Peçamos à Imaculada Conceição que não deixe de nos cobrir com o seu manto e que a Eucaristia que celebramos renove em todos nós a fé, fortalecendo o compromisso e a dedicação. E que o *Señor del Costado*, venerado com tanta devoção aqui em Santa Cruz, vos abençoe, proteja e inspire sempre pensamentos e gestos de unidade, caridade e paz.

Queridos irmãos e irmãs,

Antes da bênção final, gostaria apenas de partilhar mais uma breve reflexão. Escutámos as palavras do Evangelho, em que Jesus pergunta: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» (*Lc* 18, 8). Sei que, se Jesus decidir vir a Santa Cruz, encontrará fé. Obrigado pelo vosso testemunho. Obrigado pela vossa fidelidade à Igreja. Obrigado por nos acompanhardes nesta bonita jornada.

“Sei que, se Jesus decidir vir a Santa Cruz, encontrará fé.

A CHAVE AGOSTINIANA

Rezar é desejar sem cessar

> **O teu próprio desejo é a tua oração; e se o teu desejo é contínuo, contínua é também a tua oração.**
>
> Santo Agostinho, Comentários aos Salmos, 37, 14

A viúva da parábola ensina, segundo o Papa, a rezar sem desanimar e a pedir com força o que é justo. Agostinho dá a chave dessa perseverança: a oração contínua nasce de um desejo que não se apaga.

13

SANTUÁRIO DE SÃO TORÍBIO DE MOGROVEJO · ZAÑA

DISCURSO

Aprender a ser pastor

Encontro de oração com a comunidade católica no encerramento do Ano jubilar de São Toríbio de Mogrovejo

SÁBADO, 14 DE NOVEMBRO

> **“Peço-vos que permaneçais unidos, que cuideis uns dos outros e que nunca vos habitueis ao sofrimento dos outros. Há sempre alguém a quem podemos ajudar, uma pessoa a quem escutar, uma família a quem acompanhar.**

Queridos irmãos e irmãs,

Sinto uma profunda alegria por me encontrar aqui convosco. Como desejei que chegasse este momento! Enquanto me dirigia para cá, vieram-me à memória tantas recordações dos anos nos quais o Senhor me confiou o cuidado desta querida diocese. Entre elas, conservo uma de modo especial: a noite anterior ao início do meu ministério como bispo de Chiclayo.

Lembro-me de a ter passado em oração, pedindo ao Senhor, por intercessão de São Toríbio, que me concedesse a graça de ser um pastor segundo o seu coração. Não sabia, na altura, tudo o que me esperava, nem o quanto iria receber de todos vós. Obrigado por me receberdes com a alegria e a hospitalidade que vos caracterizam, por tantos gestos de carinho e também pela saborosa comida que me preparastes com tanto esmero. Até mesmo esses sabores tão familiares me fizeram recordar os bons momentos que passei aqui. Obrigado por, mais uma vez, me fazerdes sentir em casa.



Não sabia, na altura, tudo o que me esperava, nem o quanto iria receber de todos vós.

Agradeço a D. Edinson Farfán as palavras afetuosas de boas-vindas e agradeço a quem nos deu o seu testemunho. Escutei-os com grande emoção e gratidão, reconhecendo nas vossas palavras a fé deste povo que trago sempre no meu coração.

Hoje encerramos o Ano Jubilar do terceiro centenário da canonização de São Toríbio de Mogrovejo, e fazemo-lo aqui, neste santuário a ele dedicado. Em Zaña, podemos ler um resumo da sua vida, pois foi aqui que ele entregou o seu espírito ao Pai, enquanto realizava a visita pastoral que

lhe competia como bispo local. A sua vida recorda-nos que o amor de um pastor se reconhece também nas distâncias – físicas e existenciais – que está disposto a percorrer para anunciar Jesus Cristo.

Tendes aqui em Zaña um túmulo vazio, onde há pouco me detive em oração. Ali repousaram durante um breve tempo os restos mortais de São Toríbio, antes de serem transferidos para Lima. Ao contemplá-lo, penso no que permanece da sua passagem por esta terra: a fé de tantas comunidades e a entrega daqueles que seguiram os seus passos, levando o Evangelho aos lugares mais remotos. Durante os meus anos em Chiclayo, tive a graça de conhecer muitos deles. Recordo especialmente as visitas a Incahuasi e Kañaris, o acolhimento das suas famílias e a dedicação dos sacerdotes e, de modo especial, das religiosas que as acompanham. Quantas vezes cheguei para anunciar o Evangelho e, graças à vossa fé, regressei tendo-o compreendido um pouco melhor!

“

Quantas vezes cheguei para anunciar o Evangelho e, graças à vossa fé, regressei tendo-o compreendido um pouco melhor!

Zaña também conserva a memória de gerações de homens e mulheres africanos, afastados dos seus lares e submetidos à escravatura. Muitos tiveram de suportar grandes sofrimentos e humilhações. Queridos irmãos e irmãs afrodescendentes: quero expressar-vos hoje o meu afeto e a minha proximidade. Tive a alegria de conhecer a vossa fé, as vossas tradições e o amor com que conservais a memória dos vossos antepassados. Obrigado pelo vosso contributo para a vida desta Igreja. Que o exemplo de São Martinho de Porres, a quem o próprio São Toríbio administrou a Confirmação, vos faça recordar o quanto Deus vos ama, animando-vos a perseverar no caminho da santidade.

Queridos irmãos, a vida de São Toríbio convida-nos a olhar também para as necessidades do nosso tempo. Sei que muitas famílias desta terra sofrem devido à delinquência, à extorsão e à insegurança. Custa-me

pensar naqueles que vivem com medo, nas pessoas que veem ameaçado o fruto honrado do seu trabalho e naqueles que ainda sofrem discriminação. Tenho-vos presentes nas minhas orações e peço ao Senhor que vos conceda a paz de que tanto necessitais. Peço-vos que permaneçais unidos, que cuideis uns dos outros e que nunca vos habitueis ao sofrimento dos outros. Há sempre alguém a quem podemos ajudar, uma pessoa a quem escutar, uma família a quem acompanhar.

Na carta que dirigi recentemente aos Bispos da América Latina e do Caribe, recordei São Toríbio como um pastor que «tinha permitido que o Evangelho moldasse, em primeiro lugar, a sua existência» (*Carta por ocasião do terceiro centenário da canonização de São Toríbio de Mogrovejo*, 8 de setembro de 2026). Como seria bonito se fosse possível dizer o mesmo de cada um de nós! Queridos sacerdotes, cuidai da vossa amizade quotidiana com Jesus Cristo, celebrai os sacramentos com amor e reverência, e permanecei sempre próximos do povo que vos foi confiado. Queridos pais e avós, continuai a transmitir a fé aos vossos filhos e netos. E vós, jovens, abri o coração ao Senhor, que vos conhece e tem uma vocação maravilhosa para cada um de vós. Deixemos que a Sua Palavra transforme a nossa vida e nos ensine a amar como Ele nos ama.

Antes de terminar, gostaria de voltar àquela noite de oração com a qual comecei este discurso. Já se passaram muitos anos desde então e são incontáveis os rostos que guardo na minha memória. Recordo, com especial afeto, aqueles que já partiram para a casa do Pai e com quem espero voltar a encontrar-me um dia. Todos vós continuais presentes nas minhas orações.

Naquela noite, pedi ao Senhor que me ensinasse a ser pastor. Hoje, ao olhar para os anos que passaram, compreendo que vós fostes parte da resposta de Deus àquela súplica. Por isso, quero agradecer-vos do fundo do coração. Obrigado pela vossa fé, pelo vosso carinho e por tudo o que me ensinastes durante aqueles anos. Agora que o Senhor me confiou o cuidado da Igreja universal, volto a pedir-Lhe a mesma graça, consciente do muito que ainda tenho para aprender. Peço-vos que continueis a rezar por mim e sei que o tendes feito até agora.

Naquela noite, pedi ao Senhor que me ensinasse a ser pastor. Hoje, ao olhar para os anos que passaram, compreendo que vós fostes parte da resposta de Deus àquela súplica.

Que a Santíssima Virgem e São Toríbio de Mogrovejo intercedam por vós, para que possais prosseguir com fidelidade pelos caminhos do Evangelho. Que Deus abençoe a todos. Muito obrigado.

A CHAVE AGOSTINIANA

Para vós, bispo; convosco, cristão

> **Para vós sou bispo, convosco sou cristão. O primeiro é o nome de um cargo aceite; o segundo, da graça.**

Santo Agostinho, Sermão 340, 1

O Papa evoca a noite em que pediu para aprender a ser pastor e reconhece que o povo de Chiclayo foi parte da resposta de Deus. Agostinho diz aos seus fiéis que o ministério é um encargo recebido, ao passo que ser cristão com eles é a graça que os une.

14

RESIDÊNCIA EPISCOPAL · CHICLAYO

SAUDAÇÃO

Capital da amizade

Saudação espontânea à saída da residência episcopal de Chiclayo

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

“Que Chiclayo seja sempre a “capital da amizade”, mas que seja também uma cidade, uma província, uma terra de fé, de devoção e de fidelidade. O Senhor esteja convosco. A bênção de Deus todo-poderoso,

Bom dia! Muito bom dia!

Bom dia, Chiclayo!

Muito obrigado a todos pelo acolhimento. Queremos dar graças a Deus por estes dias. Vamos dar a bênção do Senhor, para que Ele vos fortaleça na fé e para que caminheis sempre unidos. Que Chiclayo seja sempre a “capital da amizade”, mas que seja também uma cidade, uma província, uma terra de fé, de devoção e de fidelidade.

O Senhor esteja convosco.

A bênção de Deus todo-poderoso,

Pai, Filho e Espírito Santo,

desça sobre vós e permaneça para sempre.

Obrigado!

15

PARQUE ARQUEOLÓGICO NACIONAL DE SAQSAYWAMAN · CUSCO

HOMILIA

Uma herança viva e renovada

Encontro com os fiéis e representantes da piedade popular

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

> **Cada geração recebe uma herança e tem a responsabilidade de a devolver enriquecida e renovada, sem receio de abrir novos caminhos e de utilizar novas ferramentas.**

Queridos irmãos e irmãs,

Ao começar, gostaria de expressar, em primeiro lugar, a minha gratidão a Deus pela vida e pelo ministério de Sua Excelência Reverendíssima D. Richard Daniel Alarcón Urrutia, Arcebispo de Cusco, que tanto trabalhou por esta viagem e a quem eu desejava encontrar ao chegar aqui. Em união com todos os meus irmãos bispos, asseguro orações pelo seu eterno descanso, pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo que lhe conceda o prémio dos justos e que dê a todos aqueles que sentem a sua ausência a consolação que brota da fé no Ressuscitado.

É inegável a beleza deste lugar que nos acolhe nesta manhã. *Saqsaywaman,* ergue-se para o céu andino como um altar de pedra, para onde os antigos subiam em busca do divino. No entanto, a nossa fé cristã permitiu compreender que, na realidade, é Deus quem desce à procura dos seus filhos e filhas, e entra num coração bem preparado, pedindo um "sim" corajoso e simples, como o da Virgem, que mudou a história para sempre.

Com efeito, iniciámos a nossa liturgia com a antífona: «Salve, Santa Mãe, que destes à luz o Rei do céu e da terra» (*Missal Romano*, *Comum de Nossa Senhora*, 1, *Antífona de entrada*), e o Evangelho que acabámos de ouvir recordou-nos a alegria de Maria, quando disse o seu "sim" ao anjo, para ser a Mãe de Deus e dar Jesus ao mundo.

Em ambos os textos, somos convidados a considerar a Virgem como aquela que nos conduz ao encontro com Cristo. Ela própria O esperou como Messias, no seio duma família piedosa, na qual os seus pais lhe ensinaram a rezar, a meditar a Palavra de Deus e a viver segundo a Lei do Altíssimo. Assim, encontrou-se preparada para o encontro com o Senhor, atenta e presente, capaz de reconhecer a sua voz no Anjo mensageiro, seu enviado, e de aceitar o desafio duma missão singular para a salvação da humanidade.

O Senhor veio dialogar com ela na sua casa, em Nazaré, num espaço quotidiano e junto dos seus, num ambiente repleto de símbolos que ela conhecia bem, na sua língua, através dos sinais da sua cultura. É assim que Deus age. Procura as formas e os momentos mais adequados para se aproximar de nós, para que todos possamos encontrá-Lo, compreender a sua Palavra, converter-nos e salvar-nos. Ao longo dos milénios, este

mistério renovou-se nos mais diversos contextos, mas sempre com a mesma disposição do Todo-Poderoso em tornar-se pequeno por nós, para nos falar e acolher. Uma das formas mais belas em que tudo isto aconteceu é a piedade popular.

> **“É assim que Deus age. Procura as formas e os momentos mais adequados para se aproximar de nós, para que todos possamos encontrá-Lo, compreender a sua Palavra, converter-nos e salvar-nos.**

Nela, a memória dos antepassados, a fé das famílias, o amor a Jesus Cristo, a confiança na sua santa Mãe e a veneração dos santos expressam-se através da música, da dança, das imagens e de muitas outras manifestações típicas da história e da identidade dos povos. Portanto, uma festa religiosa, uma peregrinação, uma procissão não são apenas uma manifestação cultural: por trás de cada imagem, cântico, promessa e sinal há uma comunidade de corações que procuram Deus e uma voz amiga que responde e se aproxima desde o céu.

Trata-se, portanto, de viver as práticas da tradição como ocasiões de encontro e de anúncio do Senhor, sobretudo nas paróquias, nas irmandades e nos movimentos, e depois para o mundo, como evangelizados enviados a evangelizar, a anunciar Cristo, o Ressuscitado, prontos para dar testemunho da alegria de conhecer o Evangelho, vivendo-o no amor a Deus e ao próximo. Por isso, o Papa Francisco definiu a piedade popular como «verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 122), e «manifestação duma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo, que foi derramado em nossos corações (cf. *Rm* 5, 5)» (*ibid*., 125).

No entanto, há outro aspecto do relato evangélico que acabámos de ouvir sobre o qual gostaria de me deter, que é o contexto comunitário em que se insere o mistério da Anunciação. Como já referimos, Maria amadurece na fé no seio duma comunidade e, após a Anunciação, continua a partilhar a vida quotidiana com os irmãos e irmãs que a rodeiam. O encontro com Deus não a isola, nem a afasta; pelo contrário, torna-a guardiã de um dom que cresce nela para o bem de todos: dos seus concidadãos e de toda a humanidade. A fé não separa, antes une a Deus e aos outros.

“

A fé não separa, antes une a Deus e aos outros.

Isto é importante, especialmente numa época como a nossa, marcada por divisões, feridas, desconfianças e situações que dificultam aos homens e às mulheres reconhecerem-se como membros duma única família, filhos e filhas do mesmo Pai.

Neste contexto, as tradições religiosas podem ser uma grande ajuda, como lugares onde podemos reunir-nos à luz da fé e do amor. Uma procissão pode fazer com que caminhem juntos aqueles que pensam de forma diferente. Uma peregrinação pode reunir famílias inteiras. Uma celebração pode congregar uma comunidade. A festa do padroeiro pode tornar-se uma oportunidade para a reconciliação, para pedir perdão e para recomeçar. E tudo isto é um sinal que pode ir muito além dos confins duma pequena cidade ou duma região, contribuindo para difundir no mundo a cultura da convivência, da atenção mútua e da paz.

> **Uma peregrinação pode reunir famílias inteiras. Uma celebração pode congregar uma comunidade. A festa do padroeiro pode tornar-se uma oportunidade para a reconciliação, para pedir perdão e para recomeçar.**

Por isso, convido-vos a fazer destas festas uma escola de fraternidade e caridade, onde em conjunto se trabalhe, se reze, se divirta e também se cuide daqueles que estão em necessidade, para que a alegria seja de todos, e todos possam vivê-la unidos diante de Deus.

As tradições populares, com os seus símbolos e dinâmicas impregnadas de valores de comunhão e solidariedade cristã, são um tesouro inestimável de bons ensinamentos, especialmente para as novas gerações. Neste sentido, é importante que os jovens participem nas atividades e que o seu contributo seja acolhido e valorizado, através da escuta, da cooperação e também, quando necessário, da atualização. O futuro dos costumes não reside apenas na conservação do que foi recebido, mas igualmente na sua transmissão de forma viva. Cada geração recebe uma herança e tem a responsabilidade de a devolver enriquecida e renovada, sem receio de abrir novos caminhos e de utilizar novas ferramentas. Ademais, é importante cuidar da essência da formação: por exemplo, dar a conhecer e aprofundar com os jovens a história da salvação e a vida dos santos, explicar-lhes o significado cristão dos momentos festivos, partilhar com eles a Palavra de Deus, ensiná-los a celebrar a fé na Igreja (cf. Francisco, *Homilia por ocasião do Dia das Confrarias e da Piedade Popular,* 5 de maio de 2013). Trata-se de transmitir, através das tradições, uma experiência viva da vida cristã, que cresce e se renova constantemente em torno do altar, onde a Eucaristia é centro e fonte (cf. Const. dogm. *Lumen gentium*, 11).

Neste caminho, Maria ocupa um lugar especial. A devoção popular no Peru é também profundamente mariana: existe uma prova disto nos Jardins do Vaticano, onde, no ano passado, abençoei o mosaico que representa as diferentes invocações com que Maria acompanha este povo, conhece as suas alegrias e tristezas e o ensina a ter esperança.

De igual modo, recorda-o maravilhosamente o hino *Hanacpachap*, do missionário Pérez Bocanegra, que louva e invoca a Virgem através de metáforas poéticas, ao mesmo tempo, teologicamente profundas e concretas, próximas da cultura e da vida andina. Este hino, assim como a obra-prima da igreja de São Pedro Apóstolo de *Andahuaylillas* e outros testemunhos dum anúncio criativo e atento, mostra-nos como cada devoção encontra sentido quando reúne todos em torno de Jesus e, seguindo os seus passos, os conduz ao Céu. Por isso, gostaria de confiar à Virgem Maria, Rainha de Belém, Mãe e Protetora de Cusco, o caminho de renovação da devoção popular.

Em breve, espiritualmente unidos, o faremos com a entrega da *Rosa de Ouro*, pedindo-lhe que nos guarde no seu coração, conceda paz a esta terra, dê forças aos que sofrem e nos conceda, a todos, a graça de caminhar juntos no amor do seu Filho. Assim o pedimos. Assim seja.

16

PRAÇA EM FRENTE À CATEDRAL · CUSCO

ÂNGELUS

Uma âncora nos tremores

Ângelus

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

> **Desde então, o povo cusquenho e todo o Peru sabem que têm no Taytacha um refúgio seguro diante de qualquer tempestade, uma âncora inabalável no meio dos tremores da história.**

Queridos irmãos e irmãs, bom domingo!

É com grande alegria que me encontro aqui hoje, rodeado pelo vosso afeto e pela fé viva que pulsa nesta bonita comunidade, junto aos nossos irmãos doentes e idosos, aos sacerdotes e consagrados e recordando com especial carinho e gratidão a Dom Richard Alarcón, que confiamos à intercessão amorosa de Maria. Ao mesmo tempo, estou feliz por poder saudar Dom Lizardo Estrada que, desde 30 de outubro deste ano, é o novo Arcebispo de Cusco.

Nesta manhã, podemos contemplar no meio de nós esta bonita imagem do Senhor dos Tremores, o *Taytacha*, Padroeiro da cidade de Cusco.

A Liturgia de hoje oferece-nos uma passagem belíssima, mas, ao mesmo tempo, muito exigente do Evangelho segundo São Mateus: a parábola dos talentos (cf. *Mt* 25, 14-30). Essas moedas antigas representam tudo o que o Senhor nos deu gratuitamente: a nossa vida, a nossa fé, a nossa vocação. Mas, se quisermos resumir tudo numa única palavra, elas simbolizam o *amor* que Ele nos doa para que o façamos crescer na nossa vida e o partilhemos com os outros.

Penso em vós, queridos irmãos e irmãs que sofreis no corpo e na alma por causa de uma enfermidade. Aos olhos do mundo, condicionado pela cultura do descarte e da produtividade material, a doença é vista como uma desgraça que apaga o valor de uma pessoa. Que grande mentira! À luz do Evangelho, a doença, vivida com fé e unida ao mistério da Paixão de Cristo, é um caminho para crescer no seu amor e partilhá-lo. Vós estais no coração palpitante da Igreja: o vosso sofrimento, oferecido com amor pela salvação das almas, pelas vocações e pela paz, converte-se em força espiritual; a vossa fraqueza transforma-se em força divina que multiplica os talentos do amor e da redenção. Vós testemunhastes a entrega de si mesmo que Sua Excelência Dom Richard fez para dar vida, unido à cruz do Senhor.

> **À luz do Evangelho, a doença, vivida com fé e unida ao mistério da Paixão de Cristo, é um caminho para crescer no seu amor e partilhá-lo.**

Agora, dirijo-me a vós, amados filhos e filhas consagrados ao Senhor: sacerdotes, religiosos e religiosas, que deixastes tudo para seguir as pegadas do Mestre. Foram-nos confiados os talentos da Palavra de Deus, dos Sacramentos, do acompanhamento pastoral do Povo de Deus e da beleza dos conselhos evangélicos da pobreza, castidade e obediência. Que imensa responsabilidade trazemos nas nossas mãos de barro! Não tenhamos medo de entregar a vida, de nos gastarmos por Cristo; assim, tornar-nos-emos sinais visíveis da misericórdia de Deus. E este é o melhor caminho para promover as vocações.

> **Que imensa responsabilidade trazemos nas nossas mãos de barro! Não tenhamos medo de entregar a vida, de nos gastarmos por Cristo; assim, tornar-nos-emos sinais visíveis da misericórdia de Deus.**

Queridos irmãos e irmãs, os nossos olhos voltam-se para a bendita imagem do Senhor dos Tremores. No ano de 1650, quando a terra rugiu e semeou destruição e pânico entre os vossos antepassados, bastou que a imagem sagrada saísse às ruas para que as réplicas cessassem e a paz voltasse a reinar. Desde então, o povo cusquenho e todo o Peru sabem que têm no *Taytacha* um refúgio seguro diante de qualquer tempestade, uma âncora inabalável no meio dos tremores da história.

Como um sinal visível da minha comunhão com a vossa comunidade, quis realizar hoje um ato de devoção especial: com amor filial, ofereço um *Sudário*, para que seja colocado sobre a imagem do Senhor Jesus. Ele pretende ser a carícia do Papa a um povo que sabe sofrer com dignidade e esperança cristã. Quando virdes o Senhor dos Tremores revestido com este *Sudário*, lembrai-vos que a Igreja universal está convosco.

Dirigimo-nos agora com confiança filial à Virgem Maria. Com Ela, aprendemos a não temer, a não enterrar a graça que recebemos. Com o coração cheio de gratidão, rezemos o Ângelus, confiando de modo particular a saúde dos doentes e a santidade dos sacerdotes e consagrados. Que Deus vos abençoe e que o Senhor dos Tremores conserve sempre as vossas vidas na paz!

17

MALECÓN PUERTO CALLAO · PUCALLPA

DISCURSO

Uma Igreja de rosto amazónico

Encontro com os missionários, as missionárias e os representantes dos povos amazónicos

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

> **A Igreja admira a capacidade de resistir e recomeçar dos povos amazónicos. Vós sois testemunhas da face de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não desce da cruz, mas dá a vida pelo seu povo.**

Queridos irmãos e irmãs,

Com gratidão e emoção, encontro-me hoje entre vós em Pucallpa, nesta "terra avermelhada" no coração da Amazónia peruana. Agradeço a Deus e a todos vós, pois sinto o abraço de uma comunidade multicultural. A riqueza dos vossos rostos e das vossas origens transforma este local num espaço de encontro animado, com cores vivas. Agradeço-vos ainda pelas vossas palavras, pelos vossos cânticos e por terdes partilhado hoje as dores e as esperanças que guardais no coração. Seguindo o exemplo do Papa Francisco, na sua inesquecível visita a Puerto Maldonado, vim aqui como pastor para escutar as vossas histórias e para caminhar convosco. Desejo confirmar-vos na fé e na esperança, sustentando-vos na busca da justiça e da paz que estas terras tanto necessitam. As contradições que ferem a humanidade e desfiguram a criação impactam de modo dramático nas vossas comunidades. Os anos que vivi como missionário e como Bispo nesta amada terra do Peru ensinaram-me o que significa para a Igreja o dever de caminhar com a humanidade para servir fielmente ao Senhor: trata-se de uma condição para assemelhar-se a Jesus Cristo e segui-lo aqui e agora, à espera do seu retorno.

Ao contemplar a beleza desta assembleia, ressoam dentro de nós com renovada urgência as palavras da Exortação Apostólica *Querida Amazonia*: «Sonho com uma Amazónia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida» (n. 7). Lamentavelmente, a voz que hoje emerge destes lugares fala-nos de feridas que não só não foram curadas, como até mesmo se agravaram. O clamor da terra e dos pobres eleva-se em uníssono, desmascarando lógicas de mercado e exploração que põem em risco o próprio equilíbrio da criação. Não é possível separar a custódia da floresta amazónica da preocupação com os povos que nela habitam; a ecologia integral, a justiça social e a vida espiritual andam de mãos dadas (cf. Francisco, Carta enc. *Laudato si'*, 10).

Não é possível separar a custódia da floresta amazónica da preocupação com os povos que nela habitam; a ecologia integral, a justiça social e a vida espiritual andam de mãos dadas (cf. Francisco, Carta enc. Laudato si', 10).

O primeiro testemunho que ouvimos lembrou-nos que até mesmo defender a própria casa pode custar a vida. Nos últimos anos, muitos líderes indígenas foram assassinados por defenderem os seus territórios. O sangue destes irmãos clama a Deus e exige dos homens justiça. O segundo testemunho colocou-nos perante uma situação dramática: é inaceitável que, em muitas comunidades, o direito de acesso à saúde e à educação seja negado, devido às distâncias físicas e ao abandono por parte das instituições. Sentimos na alma e no coração a situação de vulnerabilidade em que se encontram tantas mulheres, adolescentes e crianças, bem como a dor lancinante daquelas que sofrem violência e abusos sexuais que causam feridas profundas, muitas vezes sob o silêncio da cumplicidade e da impunidade. Em todos os ambientes, a corrupção e a arbitrariedade minam a confiança fundamental na bondade do ser humano; mas isto faz com que o Evangelho irrompa como um apelo ainda mais forte à conversão pessoal e comunitária, oferecendo uma esperança renovada de cura, consolo e reparação.

Nos últimos anos, muitos líderes indígenas foram assassinados por defenderem os seus territórios. O sangue destes irmãos clama a Deus e exige dos homens justiça.

Queridos amigos, Pucallpa é uma cidade jovem, rica em energia e esperança, marcada por uma necessidade urgente de renascimento moral e educacional. Trabalhemos incansavelmente por uma educação de qualidade, que fale as vossas línguas e saiba valorizar os vossos saberes ancestrais, sem deixar por isso de preparar as novas gerações para enfrentar os grandes desafios globais.

Perante a tendência de considerar esta imensa região como uma reserva de recursos a explorar, somos chamados a desenvolver um paradigma diferente, que surja da escuta de Jesus Cristo e do seu Evangelho. O Papa Francisco, na Carca encíclica *Laudato si'*, denunciou as consequências nefastas do paradigma tecnocrático dominante, que tende à exploração da natureza e das culturas, com vista a um benefício económico imediato em favor de poucos (cf. nn. 106-114). Devemos opor-nos a este modelo – com tenacidade e visão ampla – por meio da ecologia integral, expressão da civilização do amor. Uma visão alternativa, enraizada no Evangelho e respeitosa da sabedoria dos povos que, com linguagens diversas, reconhecem como tudo no mundo está intimamente interligado. Conheceis bem as feridas causadas pela desflorestação indiscriminada, pela contaminação das águas, em razão da mineração ilegal, e pelos derramamentos de petróleo, que não são acidentes fortuitos, mas os frutos amargos de uma exploração arbitrária dos recursos naturais, comprometendo a subsistência da população. Soma-se a isto a sombra insidiosa do tráfico de drogas, que se aproveita da pobreza dos jovens, atraindo-os com falsas ilusões de ganhos e afastando-os da sua própria cultura.

“Perante a tendência de considerar esta imensa região como uma reserva de recursos a explorar, somos chamados a desenvolver um paradigma diferente, que surja da escuta de Jesus Cristo e do seu Evangelho.

A Doutrina Social da Igreja é um instrumento em constante evolução que nos ajuda a interpretar os sinais dos tempos sob a orientação do Espírito Santo. Nela, o conhecimento ancestral que vós possuís pode integrar-se com o património de sabedoria da Igreja, com o objetivo de proteger os vossos direitos, conquistados ao longo de várias gerações.

A Igreja admira a capacidade de resistir e recomeçar dos povos amazónicos. Vós sois testemunhas da face de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não desce da cruz, mas dá a vida pelo seu povo. Cristo nunca nos abandona! Cristo está convosco! A Igreja está convosco e vós sois os seus membros! Somos o corpo de Cristo! Os esforços da Conferência Eclesial da Amazônia e da Rede Eclesial Pan-Amazônica visam configurar cada vez mais uma Igreja com rosto amazónico. É verdade que os trabalhadores parecem poucos: o vosso Vicariato, tão vasto quanto países inteiros, conta com apenas vinte e cinco sacerdotes. Expresso a minha viva gratidão às religiosas, aos religiosos e aos animadores pastorais das comunidades, leigos e leigas, que com fidelidade heróica guardam a fé nos locais mais remotos. Devemos sustentar e reconhecer o seu serviço ministerial.

Queridos irmãos e irmãs, vós não estais sozinhos no caminho. Que Maria Santíssima, Mãe da Amazónia, vele sempre por vós, pelas vossas famílias e comunidades, e abençoe os vossos sonhos.

Segui em frente, com ânimo e esperança! Que Deus abençoe a Amazónia!

A CHAVE AGOSTINIANA

As criaturas dizem: Foi Ele que nos fez

> **E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: “Falai-me do meu Deus.” E exclamaram em alta voz: “Foi Ele que nos fez.”**
>
> Santo Agostinho, Confissões, X, 6, 9

Perante a floresta amazónica, o Papa pede que não se separe o cuidado da criação da preocupação pelos povos que a habitam. Agostinho recorda que a beleza do criado fala do seu Criador e pede para ser respeitada como obra sua.

18

VILLA DEPORTIVA REGIONAL UCAYALI · PUCALLPA

HOMILIA

Do medo à confiança

Santa Missa em Pucallpa

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

> **“Deus, pelo contrário, diz-nos: “Confio nas vossas capacidades, não oprimo de forma alguma a vossa vida, pelo contrário, amo-a. Partilho contigo os meus bens, confio-tos para que deem fruto, pela alegria que quero partilhar com todos”.**

Queridos irmãos e irmãs,

É com grande alegria que celebro hoje a Eucaristia convosco. Quando nos reunimos com fé em torno do altar do Senhor, a sua Palavra entra na nossa vida e enche-a de sentido. Para todos nós, é um anúncio de salvação. Hoje, precisamente, é isso que acontece nesta cidade. O Evangelho que acabámos de ouvir apresenta uma parábola que nos convida a refletir sobre a nossa relação com Deus.

Enquanto Jesus conta a experiência de um senhor com os seus servos, a sua voz pede aos nossos corações que prestemos especial atenção, para que possamos encontrar o verdadeiro sentido das palavras que nos dirige. A que se refere Deus ao falar de ser senhor? O que significa para o homem ser servo? Estas palavras, marcadas no mundo por relações tensas de poder, adquirem um significado novo e surpreendente nos lábios de Cristo. Ele pronuncia-as intencionalmente para que mudemos a nossa maneira de pensar e de agir. Jesus anuncia a liberdade àqueles que, no mundo, são servos; aos que se sentem senhores, ensina a converter-se. O único e verdadeiro Senhor convida-nos a mudar de vida, chamando-nos à fraternidade, transformando as relações e a sociedade em que vivemos.



Jesus anuncia a liberdade àqueles que, no mundo, são servos; aos que se sentem senhores, ensina a converter-se.

Ouçamos, então, o que Cristo narra na parábola: «Servo bom e fiel [...]. Entra no gozo do teu senhor» (*Mt* 25, 21.23), diz o protagonista. Inicialmente, este elogio revela-nos que ser bons e fiéis significa corresponder à bondade e à confiança que recebemos de Deus. O trabalho que Ele nos pede não é sinal de opressão nem de distanciamento, mas sim garantia de partilha e felicidade. O primeiro a ser bom para nós e a confiar-nos os seus bens é o Senhor. O sinal desta bondade são os preciosos talentos de que fala a parábola, que nas nossas mãos se transformam em tarefa e responsabilidade, para que produzamos frutos de boas obras. Estes

talentos fazem que a vida, primordial dom de Deus, seja boa; ao utilizá-los, exercitamo-nos na prática da justiça, na busca da verdade, no cuidado do próximo e da sociedade. É assim que multiplicamos os bens recebidos, utilizando com inteligência tudo o que o Senhor nos confiou.

Por outro lado, porém, a parábola refere-se a um «servo mau e preguiçoso» (*Mt* 25, 26), a quem o seu senhor diz: «Sabias que eu ceifo onde não semeei e recolho onde não espalhei» (*ibid*.). As palavras de Jesus põem-nos à prova. Será que o senhor, ou seja, Deus, não é bom e generoso com os seus servos, isto é, conosco? Claro que é! No entanto, há quem não confie n'Ele, considerando-o um homem duro (cf. v. 24), impiedoso e explorador. Deus, pelo contrário, diz-nos: "Confio nas vossas capacidades, não oprimo de forma alguma a vossa vida, pelo contrário, amo-a. Partilho contigo os meus bens, confio-tos para que deem fruto, pela alegria que quero partilhar com todos". O servo da parábola, então, é mau porque considera que Deus é como os senhores deste mundo. E, muitas vezes, os senhores deste mundo consideram-se como Deus. Jesus não repreende apenas a preguiça do servo, mas, acima de tudo, a sua consciência perversa, que o leva a dizer ao seu senhor: «Sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste» (v. 24). Assim, a parábola convida-nos a passar do medo à confiança no Senhor; de sentirmo-nos como seus escravos – nós, que estamos afastados de Deus – a partilhar a alegria que vem d'Ele. Dito de outro modo, a tomar consciência de que somos os seus filhos amados.

A parábola narrada por Jesus é muito atual, porque nos questiona sobre o que estamos a fazer com os bens que Deus nos dá, sobretudo, com os dons da vida e da terra. Ambos estão intimamente ligados, não existe um sem o outro: a saúde da nossa vida e a da terra que habitamos andam de mãos dadas, por isso, tudo o que fere a dignidade da vida destrói a beleza da terra; o ímpeto do homem e o cuidado com a criação andam de mãos dadas, por isso, toda a exploração laboral é uma depredação do ambiente; a paz social e o equilíbrio ecológico andam de mãos dadas, por isso, a violência contra o povo é uma violência contra a terra, e a violência contra a terra é uma violência contra o povo.

Caros amigos, a palavra de Cristo entra aqui no drama da nossa história. Uno a minha voz à dos meus antecessores, o Papa Bento XVI e o Papa Francisco, para sublinhar o vínculo doloroso que existe entre «a devastação ambiental da Amazónia e as ameaças à dignidade humana das suas populações» (Bento XVI, *Discurso aos jovens*, 10 de maio de 2007; cf. Francisco, Exort. ap. *Querida Amazonia*, 12). Muito pouco se fez a esse respeito, e de forma muito lenta, ao mesmo tempo que se aceleraram os meios para explorar e poluir a criação. Perante estes males, não enterremos os talentos do Senhor, que nos dá a força para reparar e curar o sofrimento causado por uma sede insaciável de domínio. O Evangelho que ouvimos, neste contexto, torna-se um anúncio de salvação e de esperança para todo o povo. Somos nós, cada um de nós, que devemos responder ao Senhor dizendo: "Obrigado pelos talentos que nos dais! Queremos usá-los para o bem de todos". E cabe também a cada um de nós dizer ao próximo: "És para mim um irmão, uma irmã. Cultivemos juntos os talentos que dão frutos de uma vida boa para esta cidade, para o nosso país e para o futuro que queremos construir como um tempo de justiça e paz".

Esta vontade resume-se num gesto que realizamos durante a Santa Missa, levando ao altar os frutos da terra e do trabalho do homem. A mesa que o Senhor prepara para nós envolve-nos numa troca de dons que apresentamos a Deus para depois os espalharmos pelo mundo. À luz do Evangelho, convido-vos, pois, a multiplicar os talentos que o Senhor nos confia, cultivando três coisas concretas.

Antes de mais, cultivai juntos a fé. Sede um povo que celebra a salvação de Deus e cura as feridas da humanidade. É assim, com efeito, que a Igreja assume as palavras do homem para expressar a verdade de Deus e prega a Palavra de Deus para anunciar a verdade do homem. Seguindo o exemplo de Cristo, o Verbo feito carne, observai a realidade quotidiana com a sabedoria que provém do Evangelho, abrindo para todos um futuro de justiça. Esta missão começa na oração e alimenta-se dos sacramentos: como obra de toda a Igreja, realiza-se nas famílias e nas paróquias, nas ruas e nas escolas, nos hospitais e nas prisões. Esforçai-vos por multiplicar os talentos do Senhor em todos os lugares, promovendo a comunhão com cada homem e mulher de boa vontade.

Em segundo lugar, encorajo-vos a cultivar a nossa magnífica humanidade. Este compromisso diz respeito, sobretudo, aos jovens, que são a promessa do povo peruano; diz respeito ao cuidado das crianças e à proteção dos idosos; diz respeito à solidariedade com os pobres e os oprimidos. Fazer o bem exige combater a violência com a caridade e responder à corrupção com a honestidade. Ali onde o homem se cura, a terra floresce e a cultura da caridade alivia a poluição moral, que é a causa de toda a ferida infligida à criação, nossa casa comum.

Por fim, perante cada provação, cultivai sempre a alegria. O cristão sabe que essa alegria não provém da riqueza nem do poder, que degradam tal como o uso das drogas, que engana o coração e o deixa angustiado. A verdadeira alegria provém da fé, porque tem como fundamento a graça de Deus, que dá fruto na nossa entrega fraterna. Enquanto atravessamos tribulações e desafios, construamos juntos uma sociedade feliz, pacífica e livre, contemplando o Senhor Jesus que, assumindo cada uma das nossas dificuldades, cria a paz a partir da sua cruz. Peçamos a Ele, o Redentor, que nos acompanhe no nosso caminho, concedendo-nos a luz da esperança. Que a sua Mãe Maria, Virgem Imaculada, nos console e proteja sempre.



A verdadeira alegria provém da fé, porque tem como fundamento a graça de Deus, que dá fruto na nossa entrega fraterna.

A CHAVE AGOSTINIANA

Sede o que vedes

> **Sede o que vedes e recebei o que sois.**
>
> Santo Agostinho, Sermão 272

O Papa vê no ofertório um gesto que resume a troca de dons: levamos ao altar os frutos da terra e do trabalho e depois espalhamo-los no mundo. Agostinho mostra que a Eucaristia faz dos que comungam um só corpo, enviado a repartir o que recebeu.

19

NUNCIATURA APOSTÓLICA · LIMA

SAUDAÇÃO

Acreditai no Peru!

Saudação espontânea da varanda da Nunciatura Apostólica

DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO

> **Acreditai em vós próprios! Acreditai no Peru! Acreditai sempre em Jesus Cristo!**

Boa noite!

Estou muito contente por vos encontrar aqui. Muito obrigado, mais uma vez, por esta recepção calorosa.

Como é bom ser um discípulo missionário, dedicar a vida a Jesus Cristo, proclamar a Boa Nova do Evangelho. E vós, com a vossa presença, estais a dizer que também quereis estar unidos a Cristo na Igreja.



Como é bom ser um discípulo missionário, dedicar a vida a Jesus Cristo, proclamar a Boa Nova do Evangelho.

Invoco a bênção do Senhor sobre cada um de vós. Se trouxestes cruzes, rosários ou outros objetos de devoção, vou abençoá-los. Abençoo-vos também a todos; uma bênção especial para os doentes, os idosos e uma oração especial pelos jovens.

Jovens, vós sois um sinal de esperança. Não percais a esperança! Acreditai em vós próprios! Acreditai no Peru! Acreditai sempre em Jesus Cristo!

Irmãs e irmãos, o Senhor esteja convosco... (Bênção Apostólica)

Viva Jesus Cristo!

Viva a Virgem Maria!

Viva a Igreja Católica!

Boa noite! Muito obrigado!

20

HERMANITAS DE LOS ANCIANOS DESAMPARADOS · CALLAO

SAUDAÇÃO

Mais oásis e menos desertos

Visita aos trabalhadores e residentes da casa de acolhimento das «Hermanitas de los Ancianos Desamparados»

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

> **“Não podemos curar os corpos se esquecemos o remédio da graça que cura e fortalece a alma.**

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE DA VARANDA DA NUNCIATURA APOSTÓLICA

Bom dia, Lima, bom dia a todos!

Estavam a começar a entoar um belo cântico do profeta; todos nós somos chamados a anunciar a Boa Nova. Todos somos chamados a anunciar que Jesus Cristo veio e nos salvou. Que Cristo, o Senhor dos Milagres, nos acompanhe sempre.

Dentro de poucos minutos, sairei daqui da Nunciatura para me dirigir à celebração da Santa Missa. Quero agradecer a todos pela vossa participação, presença, acolhimento, e por me terdes acompanhado durante estes dias.

Que o Senhor vos abençoe sempre. Que estejais sempre cheios de fé e de esperança, e que o amor de Deus vos ajude a ser sempre esse belo sinal da Sua presença e proximidade, especialmente junto dos pequeninos.

O Senhor esteja convosco.

Que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre todos vós. Ámen.

Bom dia, muito obrigado e até logo.

SAUDAÇÃO

Queridos irmãos e queridas irmãs, bom dia!

É uma imensa alegria para mim estar aqui convosco, num dos meus últimos encontros antes de partir do Peru. Agradeço a Dom Luis Alberto Barrera Pacheco, Bispo de Callao, que faz aniversário hoje, e à Madre Hermenegilda, responsável por este Lar, pelas palavras de boas-vindas. Agradeço também aos que partilharam conosco os seus testemunhos: o senhor José Luis e a María del Carmen. Muito obrigado a todos pela dança, música e por este caloroso acolhimento! Escutar-vos, ver os vossos rostos

alegres e poder compartilhar este momento é uma demonstração do amor fraterno que se oferece e se recebe gratuitamente, que nasce do encontro com Deus e se expressa na simplicidade do quotidiano.

Esta Casa de Callao é como um «oásis de dignidade» (Exort. ap. *Dilexi te*, 51) e de esperança para os idosos. Como sabeis, a palavra "oásis" refere-se a um local no deserto onde é possível encontrar vegetação, água e descanso. Assim são as obras de caridade que ajudam os mais desprotegidos: um oásis que sacia a sede, reconforta e renova as pessoas que ali vivem e trabalham, bem como aqueles que se aproximam para as visitar. Locais como este multiplicam-se por todo o Peru, formando uma autêntica rede de centros caritativos onde os mais pobres e abandonados são acolhidos com amor e respeito.

Gostaria de agradecer o trabalho que as Irmãs dos Anciãos Desamparados realizam aqui e recordar a figura de sua santa fundadora: Santa Teresa de Jesus Jornet e Ibars. Ela propôs um lema que ainda hoje continua inspirando inúmeras boas obras: "Cuidar dos corpos para salvar as almas". Atualmente, existe uma nova sensibilidade em relação ao cuidado, à proteção e à criação de espaços seguros, com a certeza de que «uma dimensão importante do nosso ser humanos é a capacidade de saber cuidar uns dos outros» (Carta enc. *Magnifica humanitas*, 114).

Infelizmente, sabemos que existem situações nas quais não se oferece cuidado ou assistência aos corpos nem se pensa nas almas; as pessoas não são atendidas, mas abandonadas; os mais fracos e indefesos não são protegidos, mas vítimas de abusos; a vida não é amada, mas, antes, tenta-se destrui-la. Não podemos permanecer indiferentes ao saber que corpos e almas de numerosos irmãos e irmãs nossos estão desamparados, sendo, muitas vezes, manipulados. Essas situações são desertos de humanidade, nos quais os mais frágeis continuam a dizer, como Jesus na cruz: «Tenho sede!» (*Jo* 19, 28). Temos de reconhecer com dor que, neste país, são muitos os pobres e desamparados que hoje continuam a dizer-nos: "Tenho sede, preciso de beber das fontes do amor e da vida, preciso de cuidados e proteção". O que fazemos nós para saciar essa sede?

“Temos de reconhecer com dor que, neste país, são muitos os pobres e desamparados que hoje continuam a dizer-nos: “Tenho sede, preciso de beber das fontes do amor e da vida, preciso de cuidados e proteção”. O que fazemos nós para saciar essa sede?

Queridos irmãos e irmãs, dirijo-me a vós aqui reunidos, pensando também em todos os sacerdotes, religiosos, leigos, famílias, associações e voluntários que trabalham no âmbito da caridade nestas abençoadas terras peruanas. O Peru precisa de mais oásis fraternos e menos desertos individualistas. Necessita de mais almas dedicadas ao serviço do Reino de Deus, que cuidem das pessoas frágeis e marginalizadas, reconhecendo nelas as dores e os sofrimentos de Cristo crucificado e, como o Cirineu, ajudando-as a carregar a sua cruz. Assim como a alma e o corpo têm de estar unidos para que o ser humano viva, não podemos separar a fé que professamos das obras que realizamos; é necessário sermos coerentes e responsáveis, é necessário fazer um exame de consciência e ver qual é o nosso verdadeiro tesouro, perguntar-nos por que razão continuam a existir tantos problemas e desigualdades.

Num país que tanto recebeu através da caridade cristã, por que somos tão poucos a continuar transmitindo a chama do amor cristão às novas gerações? O segredo está em voltar ao encontro com Cristo, em regressar às origens da nossa fé. Para produzir vida, um oásis precisa de uma fonte acessível. Essa fonte são os Sacramentos, a catequese, a adoração eucarística e a caridade fraterna. Não podemos curar os corpos se esquecemos o remédio da graça que cura e fortalece a alma.

A este respeito, não poderia deixar de mencionar a presença nestas terras de São Martinho de Porres, cuja vida de santidade rapidamente ultrapassou as fronteiras. Ele soube cuidar dos corpos e edificar as almas

com gestos simples e humildes, à imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo, tal como se reflete na frase que lhe é tradicionalmente atribuída: “Eu cuido de ti, Deus cura-te”. Gostaria que também agora, neste momento da história, os filhos e filhas do Peru percorressem o caminho da santidade e levassem o Evangelho a cada recanto, a cada pessoa deste amado país e de outros lugares do mundo, transformando os áridos desertos do materialismo e do consumismo em verdes prados de solidariedade e doação generosa.

Queridos irmãos e irmãs, sei que o Peru tem muito para oferecer. Não fiquemos paralisados a discutir sobre frívolos assuntos mundanos; é necessário dar passos em direção às realidades celestiais. Vale a pena seguir Cristo! Sejamos corajosos para defender as crianças, os jovens e os idosos, os mais frágeis e os mais necessitados da sociedade, tal como Ele fez. Amemos os outros como Deus nos ama. Temos uma grande história de santidade para transmitir, um belo presente pelo qual dar graças e um futuro luminoso que todos juntos continuaremos a construir.

“

Temos uma grande história de santidade para transmitir, um belo presente pelo qual dar graças e um futuro luminoso que todos juntos continuaremos a construir.

Que Nossa Senhora da Evangelização vos guie neste caminho. Rezo por vós e trago-vos no meu coração.

Peço a bênção do Senhor sobre cada um de vós, a comunidade das irmãs, todas as pessoas que nos são caras e as nossas famílias.

SAUDAÇÃO DO SANTO PADRE AO RECEBER AS CHAVES DA CIDADE

Agradeço-vos por esta recepção. É uma grande alegria poder encontrar-me novamente convosco em Callao. Muito obrigado. Peço a bênção do Senhor sobre cada um de vós, as vossas famílias, os vossos filhos e filhas, as crianças pequenas, os doentes e os idosos. Deus caminha conosco. Tenhamos sempre essa fé no nosso coração.

Que o Senhor esteja convosco.

(Bênção)

Muito obrigado e até breve.

A CHAVE AGOSTINIANA

A misericórdia, compaixão pela miséria alheia

> **Que é a misericórdia senão uma certa compaixão no nosso coração pela miséria alheia, que nos impele a socorrê-la se pudermos?**
>
> Santo Agostinho, A Cidade de Deus, IX, 5

Perante a pergunta do Papa sobre o que fazemos para saciar a sede dos pobres e desamparados, Agostinho oferece uma definição precisa da caridade: sentir como própria a miséria alheia e agir. É o espírito dos oásis de dignidade que o Papa deseja multiplicar.

21

BASE AÉREA LAS PALMAS · LIMA

HOMILIA

O tempo da missão continua

Santa Missa na Base Aérea Las Palmas

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

“Queridos irmãos e irmãs, a minha viagem chega ao fim, mas o tempo da missão continua! Lembremo-nos de que, no final de cada Missa, somos enviados a evangelizar.

Queridos irmãos e irmãs,

Jesus ressuscitado está hoje aqui conosco, conforme a sua promessa: «Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mt* 28, 20). Antes de ascender ao Pai, Ele prometeu-o aos seus discípulos e nós voltámos a experimentá-lo nestes dias. Obrigado pela vossa hospitalidade! Reunidos assim em torno do Papa, tão numerosos e alegres, vós destes testemunho de que o Senhor vive permanentemente na sua Igreja e a reúne. Que este testemunho continue a ressoar e a dar bons frutos em todo o Peru!

A sua Palavra ensina-nos, ainda hoje, neste mundo ferido pela prepotência, um novo tipo de força. Com efeito, o Senhor nos diz: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra» (*Mt* 28, 18). Trata-se do poder do amor crucificado! «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (*Mt* 28, 19). O mandato do único e verdadeiro Senhor, que ouvimos na proclamação do Evangelho, ajuda-nos a compreender a essência da missão da Igreja: levar adiante a obra de Jesus Cristo, com o seu poder, que é tão diferente dos poderes mundanos.

> **Com efeito, o Senhor nos diz: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra» (Mt 28, 18). Trata-se do poder do amor crucificado!**

O mandato missionário foi cumprido pelos primeiros discípulos e por muitos cristãos ao longo da história. É por isso que estamos reunidos nesta celebração: fomos batizados, tornámo-nos discípulos de Jesus Cristo e aprendemos, dia após dia, a observar àquilo que Ele nos mandou. Trezentos anos após a canonização de São Toríbio de Mongrovejo, segundo Arcebispo de Lima, damos graças, como peruanos, pelo dom da fé cristã que o seu testemunho apostólico enraizou profundamente no nosso povo. «Os santos são a verdadeira interpretação da Sagrada

Escritura. Na experiência da vida, os santos verificaram a verdade do Evangelho; assim, eles introduzem-nos no conhecimento e na compreensão do Evangelho» (Bento XVI, *Catequese na Audiência Geral*, 19 de agosto de 2009). Por isso, podemos refletir sobre as páginas bíblicas à luz da experiência de São Toríbio.

Ele recebeu um convite singular por parte de Jesus, uma vocação que o apanhou de surpresa, tal como os primeiros discípulos no lago da Galileia. Embora fosse leigo com uma carreira em ascensão na área do direito, Toríbio foi chamado a ser pastor da Igreja. Desde então, pôs-se a caminho, à semelhança dos Apóstolos, no seguimento do Senhor. Atravessou o país a pé, centenas e centenas de quilómetros, consciente de que seguia o próprio Jesus quando ia ao encontro dos povos indígenas. Por isso, buscava a sua presença no meio dessas comunidades, ao mesmo tempo que aprendia a língua e compreendia as suas crenças, tudo com o objetivo de reconhecer a obra silenciosa do Espírito Santo.

Ao chegar a Lima, enriquecido pela longa viagem, destacou-se no episcopado pelo ministério da Palavra, ao qual se dedicou com especial diligência, mas com a firme convicção de que a ternura era a única forma de anunciar a "verdadeira religião", como Bartolomeu de Las Casas tinha ensinado. Na Primeira Carta aos Coríntios, ouvimos São Paulo dizer: «Considerem-nos, pois, servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus» (*1 Cor* 4, 1). E sobre o próprio ministério, São Toríbio observou: «Enquanto estou nesta cidade, faço o mesmo, pregando-lhes na sua língua, tanto aos espanhóis como aos demais que me compreendem, proclamando o Evangelho» (*«Parecer que Sua Excelência Ilustríssima emitiu sobre os índios de São Lázaro, o qual foi enviado ao Conselho Real das Índias»*, 14 de abril de 1595, citado em C. García Irigoyen, *Santo Toribio*, Tomo I, p. 97.). Insistiu para que os sacerdotes aprendessem o quíchua e lutou pela ordenação de indígenas e mestiços, que muitos membros do clero ainda desprezavam.

Toríbio desejava que fossem os próprios indígenas a evangelizar os seus familiares, amigos e vizinhos. Queria, verdadeiramente, que o tão almejado abandono das crenças ancestrais resultasse da sua vontade espontânea, sem coações. Isso é demonstrado pela sua dedicação incansável às visitas pastorais, realizadas com o propósito de conhecer, ajudar e, se necessário, corrigir os seus fiéis, para os instruir na Palavra divina e administrar os

Sacramentos. Confirmava e pregava incansavelmente. De ninguém aceitava sequer o menor presente. Essas visitas suscitaram-lhe oposições e calúnias, inclusive por parte das autoridades. No entanto, permitiram-lhe ser e mostrar-se como missionário, evangelizador, pai e pastor, sem qualquer outra preocupação senão a de comunicar a vida divina oferecida pelo Bom Pastor.

«Quem me julga é o Senhor» (*1 Cor* 4, 4), escreve o apóstolo Paulo. E, imediatamente, pede: «Não julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor. Ele é quem há-de iluminar o que se esconde nas trevas e desvendar os desígnios dos corações» (*1 Cor* 4, 5). Estas são palavras que também nos inspiram uma grande liberdade de espírito e um estilo de escuta paciente.

Os pobres são os únicos que não podem esperar. Por isso, sem excluir ninguém, mas acolhendo todos, São Toríbio dedicou-se especialmente aos mais necessitados. Um dos seus biógrafos escreveu: «No seu rebanho, o indígena é aquele a quem dedica maior cuidado. E vê-se correspondido. Querem-no e amam-no como se fosse o pai de cada um» (V. Rodríguez Valencia, *Santo Toribio de Mogrovejo. Organizador y Apóstol de Sur–América*, Tomo II, 3). Distribuía quase tudo o que tinha entre os pobres e doava-o com o objetivo de fundar hospitais para os indígenas. Entre lágrimas, dizia-lhes: “Ó pobre que me enriqueces! Ó nu que me vestes! Ó faminto que me sacias!”. Após cada visita pastoral, levava consigo fascículos sobre a população indígena, dirigidos ao rei, contendo observações, denúncias e reclamações, com o objetivo de pôr fim às injustiças.

“Os pobres são os únicos que não podem esperar. Por isso, sem excluir ninguém, mas acolhendo todos, São Toríbio dedicou-se especialmente aos mais necessitados.

Queridos irmãos, no final da minha viagem apostólica, também eu desejo confirmar-vos na fé e na caridade, assegurando-vos que vos levarei sempre comigo. Sim, o povo peruano também é o meu povo! Onde quer que nos encontremos, ao abrirmos o coração a Deus, poderemos viver a relação fundamental, aquela que permite refletir a imagem divina em cada ser humano. Assim, com o coração curado e elevado pela graça na união com a Trindade, poderemos abrir-nos a cada irmão e irmã, curando-os, amando-os e servindo-os com a bondade do Senhor.

“Queridos irmãos, no final da minha viagem apostólica, também eu desejo confirmar-vos na fé e na caridade, assegurando-vos que vos levarei sempre comigo. Sim, o povo peruano também é o meu povo!

Com o seu exemplo, São Toríbio convida-nos a santificar as nossas relações na Igreja: a sua vida propõe-nos reconhecer-nos como membros vivos de um único corpo. Ele abriu o coração à comunhão eclesial, experimentou a Igreja como comunhão missionária: a comunhão que brota do ser verdadeira morada da Trindade e que, por isso, valoriza as diferenças, as sensibilidades e os pensamentos distintos, na unidade da fé. Esta manifesta-se e consolida-se na Eucaristia, Sacramento da unidade, que para São Toríbio era o centro da vida. A comunhão expressa-se hoje na sinodalidade, transformando-se assim, a todos os níveis, num estilo de vida eclesial. São Toríbio antecipou-a através dos concílios e sínodos celebrados, nos quais soube ouvir, dialogar, acolher as sugestões do Espírito e pôr em prática o discernimento comunitário, incluindo também os mais pobres na busca da verdade. Desta forma, compreende-se por que razão as orientações do século XVI permaneceram até finais do século XIX, quando se celebrou o Concílio Plenário Latino-Americano.

Irmãs e irmãos, São Toríbio de Mongrovejo foi um artífice da civilização do amor, opondo-se aos construtores de Babel presentes em seu tempo. Também são protagonistas dessa civilização os seus contemporâneos santos: Rosa de Lima, Martinho de Porres, Francisco Solano, entre outros. Olhando para eles, redescubramos com gratidão o dom de sermos a Igreja de Jesus Cristo e, sempre que celebrarmos a Eucaristia, voltemos à sua promessa: «Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (*Mt* 28, 20).

Irmãs e irmãos, São Toríbio de Mongrovejo foi um artífice da civilização do amor, opondo-se aos construtores de Babel presentes em seu tempo.

Queridos irmãos e irmãs, a minha viagem chega ao fim, mas o tempo da missão continua! Lembremo-nos de que, no final de cada Missa, somos enviados a evangelizar. Por isso, ide e anunciai o verdadeiro Deus! Dai testemunho do que vistes e ouvistes! Que ninguém fique sem conhecer esta Boa Nova! Que a nossa missão, pela intercessão da Virgem Maria e dos santos, seja sempre animada pela fé na presença do Ressuscitado, que nos dá a sua paz e nos convida a levá-la a todos. Assim seja!

AGRADECIMENTO NO FINAL DA VIAGEM

Queridos irmãos e irmãs,

Ao final da minha visita, não tenho palavras para expressar a profunda gratidão ao Senhor pelos abundantes dons e graças que derramou nestes dias vividos em comunhão. Obrigado, Peru!

Agradeço às autoridades civis e religiosas, aos organizadores, colaboradores e voluntários, bem como às várias pessoas e comunidades que tornaram possível esta viagem apostólica. Um agradecimento especial

a todos aqueles que participaram nos encontros através dos meios de comunicação, aqui nas planícies e também lá nas montanhas, na Amazónia e em todo o Peru. Muito obrigado a todos!

Senti-me em casa e lembrastes-me de que a Igreja é, de verdade, uma família. Aqui ensinastes-me a ser "Bispo" e agora aprendi, um pouco mais, a servir como Sucessor de Pedro. Levo comigo a grata recordação dos sorrisos das crianças que cumprimentei nas ruas e praças, a alegria contagiante dos jovens, o calor das famílias, a ternura dos avôs e das avós que não faltaram ao nosso encontro. Os vossos cantos, as vossas danças coloridas, o aroma dos vossos *sahumerios* [defumadores] reforçaram a minha paixão pela missão até aos confins do mundo. Vim anunciar-vos Cristo e levo comigo o testemunho de fé e devoção que sempre admirei em vós.

“Senti-me em casa e lembrastes-me de que a Igreja é, de verdade, uma família. Aqui ensinastes-me a ser “Bispo” e agora aprendi, um pouco mais, a servir como Sucessor de Pedro.

Queridos irmãos e irmãs, revigorados pela alegria do nosso encontro, continuemos, unidos à distância, rezando a Jesus, nosso *Caminho, Verdade e Vida*. Que a intercessão da Virgem Maria e de todos os santosdo Céu vos acompanhe sempre. Que Deus te abençoe, meu Peru! Que Maria te cubra com o seu manto!



Um livro para ler no telemóvel, a qualquer hora.

VISITE O NOSSO SITE

agustinosconelpapa.com/pt

Copyright © Dicastério para a Comunicação